

Braga, Theophilo  
Origens poeticas do Christia-  
nismo

BR  
129  
B7  
1880  
C.1  
ROBA



Digitized by the Internet Archive  
in 2009 with funding from  
Ontario Council of University Libraries





2 85 41

**BIBLIOTHECA SCIENTIFICA MODERNA**

---

**I**



SCIENCIA DAS RELIGIÕES

---

ORIGENS

POETICAS

DO CHRISTIANISMO

POR

THEOPHILO BRAGA

---

---

PORTO

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES

12 — Largo dos Loyos — 14

—  
1880



Este pequeno estudo acha-se annuciado desde 1864, com o titulo *Historia da Poesia do Christianismo*, (1) em fins de 1869 tornamo-nos a referir a elle como desenvolvendo a seguinte these: «No Christianismo catholico o genio poetico pertence exclusivamente ao povo rude, que inventou as grandes legendas que o tornaram universal. San Jeronymo foi o primeiro que assignalou este facto. O povo seguiu nas suas erenças o genio aryano, que se revelava na grande alma indo-europêa. Reduzido o Christianismo ao que é puramente *canonico*, é uma religião esteril, de uma severidade judaica incommunicavel, tendendo cada vez para mais strictamente definir-se até ficar reduzida a seita; elle por si não consolou a alma humana na profunda elaboração da Edade Media, renovou a tremenda poesia *semitica* da excommunhão, propagou a terror constante do millenario e fim do mundo, inventou o Diabo e a tentação, alimentou as guerras religiosas e as Cruzadas, antepoz a morte á vida, creou a auctoridade e a intolerancia.» (2)

Circumstancias alheias á nossa vontade fizeram que o livro ficasse em apontamentos; aproveitando hoje o ensejo da publicidade, destacamos os capitulos em que melhor se póde vêr applicado o methodo historico-comparativo que fundou em bases positivas a Sciencia das Religiões.

Baur diz do Christianismo: «A religião nova não contém principio algum que não tivesse sido preparado mui anteriormente e em meios diversos, e trazido por differen-

(1) *Visão dos Tempos*, p. VIII. Porto, 1864.

(2) *Ibidem*, 2.<sup>a</sup> edição, p. XLIII. Porto, 1869.

tes vias ao gráo de desenvolvimento em que nos apparece n'ella; o Christianismo nada contém, que sob uma ou outra forma não fosse já anteriormente affirmado, quer como producto da actividade da razão, quer como necessidade do sentimento, quer como exigencia da consciencia moral.» Esta these fundamental da christologia podia formular-se segundo um encadeamento logico: 1.º manifestações do sentimento anteriores ao Christianismo e aproveitadas por elle; (mythos fetichistas, etc.); 2.º productos da razão; (philosophia dos judeo-hellenicos); 3.º exigencias da consciencia moral (paulinismo, e definições dos Concilios sobre os elementos tradicionaes).

Independentemente da elaboração dos dogmas sobre os elementos philosophicos da Grecia e de Roma, (neoplatonicos e stoicos) o Christianismo baseou-se sobre os elementos tradicionaes do polytheismo indo-europeu, conservados na sua parte cultural; como se fez esta appropriação syncretica? As religiões não são um producto artificial, nascem de transformações de elementos anteriores, e desenvolvem-se segundo as necessidades progressivas da consciencia; portanto, não basta indicar a somma d'esses elementos anteriores para explicar a formação do novo organismo, é preciso em seguida definir a necessidade que achou n'esses elementos uma satisfação natural. Assim, a vitalidade do Christianismo manteve-se sempre na adhesão dos povos não pelas abstracções e syntheses doutrinarias dos concilios, mas no apoio de uma aspiração indefinida; essa aspiração variou com os tempos, mas podemos caracterisal-a em todas as suas phases taes como nol-as conservou a historia. A primeira aspiração, a que o Christianismo procurou associar-se foi a ideia messianica do *Reino de Deus*, de que elle fallava dando a boa nova da sua realisação na terra; isto o levou a servir-se da hallucinação dos cultos orgiasticos para a sua propaganda. Como o Reino de Deus não chegava, durante a éra das perseguições, formou-se a lenda do apocalypse da vinda do *Anti-Christo*, que embaraçava a consummação da esperanza messianica. A Igreja tor-

nou-se então um refugio para os povos. Como a lenda apocalyptica decaía da credulidade do vulgo, recorreu-se ao estímulo das imaginações renovando a tradição oriental do pralaya, n'esse annuncio do fim do mundo, sendo o *Millenio* prégado até ao seculo x. Quando por effeito da primeira Renascença, se desfez essa ultima illusão, surgiu então como extremo recurso o desenvolvimento da lenda do *Diabo*, e essa hallucinação da feiticeria, que fazia proclamar pela Egreja: *Ubique Demon!* Assim como a astronomia destruiu o millenio, a medicina destruiu a possessão demoniaca; que resta hoje para hallucinar a imaginação popular? Nada, e é por isso que o clero trabalha em formar um novo phantasma, a que pôz já o nome antes de tempo—a *Revolução*. A necessidade d'estes estímulos de hallucinação proselytica é a prova inilludível das origens orgiasticas do *Christianismo*, que desviou a civilização do occidente da sua base scientifica.

Ao conflicto d'estas emoções atrazadas que pretendem embaraçar o curso das ideias que dirigem a consciencia moderna, conflicto que chega até á organização civil invadida pela intervenção de sacramentos, deu-se-lhe o nome pomposo de *questão religiosa*. Em todos os paizes onde a auctoridade se funda em bases tradicionaes, como as castas dynasticas, dá-se uma subserviencia da esphera civil ás ambições do clericalismo, que pelo celibato se tornou uma casta artificial. E' por isso que a *questão religiosa* é concomitante da *questão politica*, ambas interessadas em manterem o passado além do seu momento historico, e na exploração das forças staticas da sociedade em beneficio de classes egoistas. O phantasma da *Revolução*, que justificava o poder temporal no emprego do arbitrio, e o poder espiritual no exercicio da intolerancia, dissipa-se, e a vulgarisação do criterio scientifico disciplinando as necessidades da consciencia humana é o que vae eliminando de um modo sereno tudo o que é atrazado, abusivo e doentio.

## INDICE

### ORIGENS POETICAS DO CHRISTIANISMO

---

PROLOGO.....	Pag. v
CAPITULO I	
Persistencia dos cultos fetichistas no Christia- nismo. ....	1-83
CAPITULO II	
Vestigios polytheistas do mytho orgiastico chris- tão. ....	85-169
CAPITULO III	
Assimilação do Polytheismo árico e indo-euro- peu ás formas cultuaes do Christianismo....	171-251
CAPITULO IV	
Costumes populares do culto solar, que expli- cam os ritos christãos. ....	253-296

## CAPITULO I

### PERSISTENCIA DOS CULTOS FETICHIISTAS NO CHRISTIANISMO

As religiões já não pertencem exclusivamente ás theologias, nem ás interpretações metaphysicas; são um facto humano, sujeito a todas as modificações do meio social, e portanto só podendo ser estudado através das condições que o determinaram, condições de aptidão ethnica, de sobrevivencia e de persistencia tradicional, de assimilação syncrética de doutrinas de differentes épocas intellectuaes, enfim de accidentes historicos que concorreram mais ou menos directamente para a sua propagação. Tal é o criterio da Sciencia das Religiões, que o nosso seculo acaba de constituir, sciencia indispensavel para que a consciencia humana, orien-

tada pela mentalidade positiva, se emancipe d'essa miragem secular que separou o homem da comprehensão da natureza e o poz em antagonismo consigo mesmo pela duplicidade moral. As religiões da antiguidade têm sido submettidas a este criterio, decompondo-se as suas varias épocas de elaboração, em periodo *mythico*, cultural ou *ritualistico* e doutrinario ou *theologico*; a cada uma d'estas phases corresponde um criterio especial; sem as investigações ethnicas mal se comprehenderiam os *mythos* das differentes raças, sem o methodo comparativo as cerimoniaes liturgicas ficavam sem sentido, sem a critica philosophica a filiação dogmatica desligada de doutrinas anteriores seria sem connexão historica, e por isso uma revelação privilegiada a um individuo ou a um povo. A critica negativa do seculo XVIII está substituida pela seriedade do methodo historico-comparativo pelo qual se procura comprehender a origem e transformações do grande facto psychologico e social das Religiões: assim como a linguaagem não é uma criação dos grammaticos, a Religião não é um producto dos padres. Emquanto o grammatico discute desesperadamente as bellezas e superioridade de uma lingua classica sobre a lingua vulgar, o philologo aprecia com o mesmo

interesse scientifico tanto a linguagem de uma tribu da America, como a linguagem dos cidadãos de Athenas; da mesma forma enquanto os padres deblateram para mostrarem que só a sua religião é a verdadeira, perante o criterio da Sciencia das Religiões todas são verdadeiras como factos realidados no tempo, como manifestações de certos estados mentaes da humanidade, como phenomenos sociaes que apresentam transformações bem caracteristicas, emfim como productos d'onde se tiram profundas deducções sobre a marcha progressiva da nossa intelligencia. A paixão proselytica está aqui substituida pela sciencia imperturbavel e serena que só elabora o lado positivo das cousas.

O Christianismo, como um facto coexistente com a sociedade moderna, não podia escapar ao processo severo mas desprevenido da Sciencia das Religiões. O estado actual do espirito humano tendo substituido as crenças por opiniões demonstraveis, procura estabelecer a sua unanimidade não na catholicidade de uma vaga aspiração, mas no accordo de uma verificação da sciencia. É por isso que as Religiões vão ficando sem destino, e decahindo como acontece no phenomeno physiologico da atrophia dos órgãos cujo exercicio já não é

preciso. Desde que o Christianismo deixou de produzir a unidade moral dos povos modernos, (protestantes, schismaticos, velhos catholicos e syllabistas) porque a corrente da civilisação trouxe novos elementos com os quaes a Egreja não quiz, nem lhe era logicamente possivel conciliar-se, o Christianismo vae sendo despojado d'esse poder espiritual por um outro poder, o das convicções scientificas, que levam progressivamente á unidade intellectual, base de toda a harmonia nos factos sociologicos. A marcha da civilisação, pelas suas grandes descobertas historicas, pelas suas profundas revoluções politicas, pelas esplendidas applicações industriaes, tende a estabelecer o regimen scientifico como a unica fonte d'onde hade dimanar o novo poder espiritual que tende a harmonisar em um mesmo intuito os agentes complexos do progresso humano. O poder espiritual do Christianismo está quebrado, e o poder espiritual da Sciencia ainda não está reconhecido nos costumes; as leis civis ainda se subordinam a sacramentos, os actos politicos ainda invocam destinos providenciaes. Contribuir para que passe um tal estado de anarchia moral deve ser um dos trabalhos mais serios de todo o homem que pensa, e essa anarchia só se poderá extinguir auxiliando

a dissolução do poder que tende a ser eliminado pela propria evolução da sociedade, fazendo com que mais cedo se reconheça esse outro poder que nos vem não de una tradição morta e transmittido já sem sentido, mas da actividade da vida intellectual no seu esforço de conhecer o conditionalismo do meio cosmico e de determinar-se conscientemente. Aplicar os processos scientificos da comparação ethnographica e historica ás origens do Christianismo, mostrando os seus elementos primitivos e essenciaes no fetichismo tellurico do sacrificio de um adolescente para applacar a divindade, transformados no polytheismo árico, vedico, e no mithraismo medo-persa d'onde provieram as ideias messianicas dos Judeus, emfim estudar separadamente a parte cultural, doutrinal e mythica, segundo as épocas da mutua assimilação no mundo greco-romano e medieval, é talvez o facto mais importante onde os dois poderes se encontram de frente na grande lucta da emancipação da consciencia.

Alguns padres da Egreja, como Jeronymo, Agostinho e Justino Martyr, querendo demonstrar a divindade do Christianismo, fortificaram as suas origens collocando-as entre as crenças populares ou derivando-as da perpetuidade das tra-

dições humanas; mas aquillo que para elles era uma prova de um character divino, torna-se hoje uma condição humana de relatividade, de transformação evolutiva, que a Sciencia das Religiões procura por meio do seu criterio ethnologico. A profunda ramificação dos elementos polytheistas nas raças da Europa derivados dos mythos vedicos e do magismo persa, bem como a persistencia de uma vasta camada de superstições das raças ante-historicas do nosso continente, explicar-nos-ha a rapida propagação do Christianismo em Roma, nas Gallias e na Hispania, na Bretanha e na Allemanha. Sam Jeronymo presentiu esta cooperação assimiladora das classes inferiores, quando separou a formação ou systematisação dos hellenistas: «*Ecclesia non de Academia, sed de vili plebecula orta est.*» Compete hoje á Sciencia das Religiões investigar estas origens ethnicas do Christianismo, remontando-nos não só ás formas religiosas inferiores do fetichismo e do polytheismo, que ainda se conservam de mistura com os principios os mais abstractos no culto das reliquias, no baptismo ou na forma da expiação, mas tambem aos logares onde essa corrente de um mysticismo proselytico se derivou, tansformando-se de uma sensualidade orgiastica em um idealismo doentio.

Santo Agostinho, um dos principaes systematisadores do Christianismo, chega a enunciar, com outro intuito já se sabe, esta falta de originalidade da religião nascente: «*Res ipsa, quæ nunc Religio christiana nuncupatur, erat apud antiquos, nec defuit ab initio generis humani, quousque Christus veniret, quæ jam erat, cepit appellari christiana.*» (Retratationes, I, 13.)

As palavras de San Agostinho, nas Retratações, podem ser ampliadas com a auctoridade de San Justino, martyrisado em 167, com relação á progressão crescente do Christianismo: «Não ha povo entre os Gregos, nem entre os barbaros, nem em alguma raça de homens, quaesquer que sejam o seu nome e caracter, por mais ignorante que possa ser nas artes ou na agricultura, quer habite em barracas ou em carros nomadas, não ha povo, dizemos, que não dirija ao nome de Jesus crucificado orações ao pae e ao creador do universo.» (1) Por certo que Justino Martyr não se podia referir aos effeitos immediatos de uma propaganda restricta e recente, mas sim ás innu-

(1) Divi Justini, *Opera*, p. 211. Apud Beugnot, *Hist. de la destruction du Paganisme en Occident*, t. II, p. 188.

meras analogias de mythos orgiasticos e doutrinas proselyticas com as formas cultaes e com os dogmas christãos. De facto entre os povos barbaros achava-se a victima humana, sem patria, (*Guesa*) votada ao sacrificio desde criança, o filho da Meriah, como entre os Konds; essa victima, no polytheismo syro-phenicio, era um joven morto na flôr da edade, e que resuscitava, ou como no mytho medo-persa de Mithra, era um mediator de Deus que vinha libertar as almas da morte pela resurreição; a moral christã estava formulada nos philosophos gregos, os pythagoricos, os orphicos, os neo-alexandrinos; e as praticas cultuaes derivadas da seita dos nazarenos achavam-se entre os gymnosophistas, entre os essenios e therapeutas. O Christianismo foi o resultado de uma transformação metaphysica da tradição religiosa, sendo apenas um syncretismo informe de todos os elementos proselyticos que o precederam. Nascido d'esse syncretismo, a religião christã conservou sempre esse character, propagando-se em Roma já pela confusão com o judaismo, já pela confusão com os ritos do polytheismo romano; mais tarde quando se tornou uma religião politica, impoz-se nas Gallias, na Allemanha, na Inglaterra assimilando a si os cultos

locaes e as superstições, deixando a cousa e mudando-lhe o nome.

Por estas tres auctoridades patrologicas, vêmos que a applicação do criterio ethnico na investigação das origens do Christianismo é um processo velho; só é novo o espirito e o methodo scientifico. Os seus resultados são surprehendedentes. Antes porém de o applicarmos, mostraremos a sua importancia scientifica traduzindo para aqui as palavras de Tylor, no bello livro das *Civilisações primitivas*, e que constituem uma clara methodologia na sciencia das religiões: «As lições da historia provam que cada crença religiosa se deriva de uma crença anterior; que em todas as epochas a religião se apoderou de um systema de philosophia que havia incorporado concepções mais ou menos superiores em doutrinas constituindo, no momento em que ellas existem, a expressão suprema do pensamento humano, doutrinas, de mais, sujeitas a modificações incessantes, copias servis de mudanças intellectuaes, quer as antigas fórmulas conservem ainda a sua auctoridade com uma significação nova, ou quer ellas sejam reformadas ou substituidas. O Christianismo fornece-nos testemunhos em apoio d'esta hypothese. Se se comparar, por exemplo, sem pensamento

reservado, a opinião das pessoas intelligentes em Roma no seculo V e em Londres no seculo XIX sobre assumptos taes como a natureza e as funcções da alma, do espirito, da divindade, pode-se julgar por comparação que differenças importantes se deram na philosophia da religião e como foram accetadas pelos homens que representam em differentes épocas os mesmos grandes principios da fé. O estudo da ethnographia da religião, tomada no seu conjuncto, parece testemunhar em favor da theoria da evolução considerada no seu ponto de vista mais lato e elevado.» E particularizando mais o methodo scientifico, continúa Tylor: «O ponto essencial, com effeito, do methodo ethnographico applicado á theologia, é de admitir as relações que existem entre todas as formas religiosas em qualquer phase da civilisação a que estas formas possam pertencer. Estes testemunhos actuam sobre a theologia no sentido de se não poderem mais considerar a maior parte das doutrinas e dos ritos accetados pelas sociedades humanas como o producto directo dos systemas religiosos especiaes que os sancionam, mas como consequencias mais ou menos modificadas de opiniões tomadas de systemas anteriores. O theologo estudando por seu turno cada um dos elementos

que constituem a crença ou o culto, deve primeiramente determinar o logar que occupa este elemento no systema geral da historia da religião. Se a doutrina ou o rito discutido parece provir de uma phase anterior do pensamento religioso, precisa assegurar-se, como se faria para qualquer outro ponto da civilisação, do logar que occupa, da parte que representa na evolução geral da religião. Importa investigar a qual das tres cathogorias seguintes pertence: É um producto de uma theologia anterior, producto assás sensato para desempenhar um papel util em uma theologia subsequente? É uma derivação de um pensamento primitivo e grosseiro, que se modificou o bastante para representar fielmente ainda ideias mais avançadas? É uma forma persistente de um estado de civilisação inferior, mas impondo-se em uma phase superior, não em virtude de uma verdade inherente mas em virtude da tradição?—O enunciado simples d'estes problemas sugere vastas investigações; os espiritos, sem reservas, deveriam proseguil-o com tanto mais ardor quanto da solução dos problemas que d'elles implicam depende a descoberta da verdade na medida compativel com a condição intellectual da nossa epoca. O estudo scientifico das ideias religiosas parece ser,

durante muito tempo, o assumpto principal para o qual se voltarão os esforços do pensamento humano; ora, importa não deixar aos theologos, aos metaphysicos, aos biologistas, aos physicos, unicamente a solução dos problemas que esse estudo comporta. É ao historiador, ao ethnographo que compete demonstrar o que ha de hereditario em cada opinião e em cada costume, e importa que a sua investigação, a proposito de cada um d'estes factos, remonte aos vestigios afastados que deixaram nas sociedades antigas ou selvagens; por que effectivamente, não ha pensamento humano tão primitivo que deixasse de influenciar nos nossos proprios pensamentos, nem tão antigo que se haja quebrado toda a relação com a vida moderna.» (1)

Sem estas claras indicações da methodologia proposta por Tylor, seria impossivel comprehender a necessidade da investigação das origens feticistas do Christianismo; e espiritos bastante lucidos, como Emilio Burnouf, caíram em miragens historicas por causa de aproximações e interpretações prematuras. Procurando o que ha de

(1) Tylor, *Les Civilisations primitives*, t. II, p. 578 a 580.

persistente de uma civilização inferior conservado pela força da tradição no Christianismo, vêmos o seguinte facto central, em volta do qual se vão adaptando os productos mythicos, cultuaes e dogmaticos: *Uma Divindade, que se applica pelo sacrificio expiatorio de um Innocente.*

Este dogma, separado de todas as suas allegorizações polytheistas, apparece com toda a sua pureza concreta entre os povos selvagens ainda no estado de um atrazado fetichismo.

Essa divindade fetichista é a terra, *prima deorum Tellus*, como lhe chamou Virgilio, a qual, quer entre muitas tribus da Africa, quer entre as raças da America, ou entre os povos que precederam as civilizações árica, semitica, hellenica e romana, foi o centro de elaboração do culto chtoniano, primeiramente sanguinario, pelo sacrificio do *macho* como mais agradavel á divindade feminina, e pelo sacrificio do *pastor* como odiado pela raça agricola, que exercia esses tremendos ritos propiciatorios para que a terra produzisse; e depois, sensual pela idealisação das forças telluricas como um *kteis* ou utero fecundo. D'estas duas phases do culto chtoniano, o culto pelo sacrificio do homem, existiu entre os Arias e Semitas, pelo menos emquanto não modificaram pelo

seu contacto as raças selvagens com que tiveram de cohabitar, conservando apenas alegorias a esse antigo costume; a segunda phase, a da adoração da Terra como um *kteis*, deu lugar a uma profunda elaboração theologica e metaphysica entre os povos da Asia anterior, especialmente os de civilização accadica, onde as divindades femininas como Anath, Istar, Belit, influiram no desenvolvimento das Deusas-Mães, ou as Virgens-Mães dos povos semitas, propagando-se como uma nova crusta religiosa para a Grecia através da Asia-Menor, e para a Italia e occidente europeu pela civilização phenicia. Esta propagação religiosa dos cultos chthonianos e phallicos vem produzir uma revivificação momentanea do polytheismo hellenico e italico, na Grecia levando á concepção do sacrificio do homem como uma *mediação* e como um symbolo eschatologico, e no resto da Europa occidental uma revivescencia dos idolos e cultos das Deusas-Mães, as Virgens fecundas, as Venus italicas, que tanto facilitaram a implantação do Christianismo pela adopção da Virgem-Maria. O Christianismo formando-se quando se dava esta revolução moral no mundo, quando a Asia reagia ás invasões de Alexandre e de Pompeo, lançando sobre o occidente a sua fascinação

orgiastica, esse producto trouxe o caracter do meio em que foi produzido, o syncretismo d'esse momento historico accidental, e uma facil adaptação aos novos meios mentaes e moraes em que se propagava; é por isso que o vêmos na Asia anterior tomar como base a forma orgiastica do sacrificio do homem, na Grecia desenvolver-se dogmaticamente sobre as noções eschatologicas do orphismo, e absorver o resto do Occidente aproveitando-se dos cultos das Virgens-Mães, e ritos chthonianos, cuja sensualidade muitas vezes conservou. Levantar estas crustas religiosas é reduzir o problema complexissimo á sua simplicidade, e é por isso que preferimos a ordem logica, investigando primeiro o culto da Terra, como nucleo d'onde se derivarão as outras formas.

É pelo criterio ethnico, tão essencial como o presentiu Tylor na sciencia das religiões, que o culto da Terra pode ser bem comprehendido; existem dois systemas de religiões bem distinctos, o culto da Terra como centro de elaboração dos productos da natureza, ou o *Chthonismo*, e o culto do Céu, como centro das energias fecundantes, o *Siderismo*. Estes dois systemas não apparecem de um modo exclusivo em nenhum povo conhecido pelos documentos da sua civilização ou pelas re-

lações dos viajantes, quer nas épocas historicas, ou entre as tribus barbaras actuaes; encontra-se uma synthese espontanea, em que o culto do Céu se confunde com o da Terra, em que as duas concepções antropomorphicas das energias da natureza masculina e feminina se confundem na representação symbolica do kteis e do phallus. Isto leva a uma miragem mental, em que se imagina o culto da Terra posterior e derivado do culto do Céu, (1) ou este ultimo separado do primeiro pelo desenvolvimento subjectivo do espirito impulsionado pela causalidade; (2) estudadas estas manifestações fetichistas fóra do seu conditionalismo ethnico ou social, a questão torna-se insolúvel, sobretudo quando as grandes raças historicas, como os arias e os semitas e mesmo os povos comprehendidos sob o nome de turanianos, foram especialmente sideristas, distinguindo nas suas adorações o elemento feminino nos astros. Estudados porém estes systemas religiosos sob a acção immediata do meio cosmico, e segundo a constituição e actividade do meio social, o siderismo proto-semita e arico tem a sua razão de ser

(1) Girard de Rialle, *Mythologie comparée*, I, cap. x.

(2) Baisac, *Origines de la Religion*, I, 132.

na zona geographica que occuparam estes povos e na sua primeira actividade pastoral; á medida que assimilaram a si as raças agricolas, e que o progresso d'essas sociedades fez recorrer á exploração agricola, então a Terra começou tambem a ser adorada, como esposa do Céu, e como fecundada por elle.

O culto chthoniano, ou da Terra-Mãe, como separada do culto do Céu, ou do siderismo, só podia existir em um povo essencialmente agricola, dado aos trabalhos da terra, em deltas humidos, e em um regimen social bastante rudimentar, sobretudo em que preponderasse o hetairismo ou o regimen da maternidade. Sabe-se que a separação entre povos *agricolas* e povos *pastoraes* não é uma distincção artificial; o mytho de Caim e Abel, um agricultor outro pastor, as luctas dos primeiros Arias com os negros trabalhadores da terra ou os christnas, equiparados aos Rakchasas que perturbavam os sacrificios, mesmo a distincção entre as raças uralo-altaicas dos trabalhadores da terra e dos metalurgistas, se nos revelam grandes conflictos de raças, explicam tambem como por estas differenças de trabalho a especulação religiosa se fez sobre os objectos em que se exerceu a actividade de cada povo; os po-

vos pastoraes foram essencialmente sideristas, não só pela ociosidade da sua condição de vigilancia e nomadismo, como pela independencia dos accidentes meteorologicos; os povos agricolas, assistindo constantemente aos phenomenos da vegetação, observando as forças productivas da Terra, pela simples idealisação animista fizeram d'ella um fetiche, primeiramente de uma força neutra, sem sexo, depois uma Deusa-Mãe, conforme a noção dirigente do regimen social. Nos povos *sidericos*, mais avançados por se haverem apoderado pela força dos povos chthonianos, a concepção religiosa é do Deus-masculino, symbolisado na sua energia pelo Phallus; e esta concepção explica-se pela derivação do estado da organização social em que preponderava o regimen do pae ou o *estado patriarchal*, o que se reflecte de um modo passivo na tendencia das diversas manifestações polytheistas a subordinarem-se a um Deus-Padre, a um Ancião, circumstancia que tem influido na migração intellectual dos eruditos que sustentam a existencia de um monotheismo inicial e portanto de uma revelação. O criterio ethnico esclarece estes phenomenos aparentemente tão complicados; o culto feminino não pode existir onde a mulher occupa uma posição de escrava, e é por isso que

a concepção da força criadora, além do phallus, é representada pela *mão*, como symbolo do poder transformador egual ao de criador. Nos povos semitas onde o regimen patriarchal predominou sempre, a mão representava o poder de Jehovah, como na sociedade patricia de Roma *in manu* era a fonte de derivação dos direitos civis, como na sociedade dos eupatridas da Grecia a *mão*, como se vê pelo mytho de Chiron, significava a invenção das industrias.

Portanto a condição social dos povos é que explica as origens da sua concepção religiosa; a sociedade pastoral e patriarchal foi precedida no desenvolvimento humano pela sociedade agricola. Os primeiros que souberam communicar a mutua necessidade da defeza, fixaram-se em logares seguros, como todos os Deltas, e fecundos para a cultura agricola por serem formados com os detritos organicos e siliciosos que constituem o solo humoso; n'esses logares seguros como os Deltas da Chaldêa, ou do Nilo, ou de outros já extinctos pelos novos relevos que tomou o nosso globo, a vida sedentaria obrigada exerceu-se no desenvolvimento da domesticidade dos animaes, como o boi, o cavallo e o cão. Nos mais antigos documentos archeologicos do homem pre-historico, acha-se

o trigo, como prova do seu trabalho agricola, e esqueletos dos animaes ainda hoje ligados á nossa domesticidade; pode-se portanto logicamente inferir, que sem o homem haver primeiro conseguido a domesticidade, o que se faz nos animaes á custa de tempo e de hereditariedade, não podiam existir rebanhos guiados pelo homem e submettidos á sua exploração. É da industria agricola que se hade deduzir o typo o mais antigo das sociedades humanas caminhando para a civilisação; n'essas sociedades rudimentares a mulher vive em união indistincta, em um hetairismo, exactamente com o character que então conserva a propriedade tambem em commun. O regimen da maternidade, como o esboço da familia primitiva, explica-se pela forma da aggregação social; a propriedade sobre que trabalha essa sociedade agricola não tem dono, pertence á comunidade, e da mesma fórma a mulher. Nas sociedades modernas, apesar da sua alta noção juridica, ainda existem formas de propriedade ligadas á condição da mulher, como regimen dotal e bens paraphrenaes. É por isso que na investigação dos phenomenos sociologicos primitivos, a religião, a familia e a propriedade, nenhum d'elles pode ser bem comprehendido se for estudado isoladamente, sem a acção

modificadora de cada um sobre os outros. O homem faz o deus á sua imagem; assim como o Amenti do Egypto era uma copia do solo agricultado, e assim como os deuses tem paixões pessoaes, assim o estado social se reflecte nas formas da concepção que o homem faz da divindade representando concretamente a noção abstracta. Em uma sociedade no regimen agricola, o deus-fetiché, concepção já superior de uma força, que produz e que transforma, é a Terra; e como n'essa sociedade a terra é ainda commum, e por consequencia a mulher é tambem commum, todos os laços sociaes que tendem a estabelecer-se vem pelas mães, e é por isso que n'essa aggregação de industria agricola e de regimen de maternidade ou de *hetairismo*, a primeira disciplina de parentesco faz-se pela linha feminina, e a divindade Terra é a representação de uma força feminina. Na sociedade grega, os grandes conflictos sociaes, como notou Aristoteles e Polybio provinham da desigualdade territorial, e o vestigio d'esse communismo primitivo acha-se na persistencia do *hetairismo* mesmo no seu periodo do esplendor atheniense; em Roma, a plebe é a representante do regimen da maternidade das tribus italicas, e essa plebe sempre em lucta com o patriciado, assim como tem o *concupinatus*, tam-

bem aspira constantemente á egualdade da divisão da propriedade nas propostas das leis agrarias. Tanto na sociedade grega como na romana, os cultos da Terra-Mãe representam a existencia de uma camada ethnica ante-historica, e de uma organização social supplantada por um novo regimen patriarchal ou de paternidade. Entre os povos a que se dá o nome de Turanianos persistiu mais do que em nenhum outro o regimen da maternidade, e o fetiche da Terra-Mãe, tendo desaparecido, ainda conserva o titulo da *Velha*, Akka, talvez o mesmo vestigio da superstição popular europêa da *Velha* que é serrada na festa de maio, e nos *dias da Velha* da locução arabe. O fetiche da Terra-Mãe, produzindo tudo por si, independentemente da energia masculina, ou a Virgem-Mãe, especie de entidade neutra, só podia formar-se em uma sociedade humana constituida no regimen da maternidade, e de exclusiva actividade agricola: a Terra era então a mãe de tudo o que existe, sem conhecer esposo. (1) Esta noção primordial acha-se no Egypto em *Neith*, isto é, em um delta onde existiu a agricultura, vindo essa

(1) J. Baisac, *Origines de la Religion*, I, 88, 116.

sociedade primitiva a ser escravizada pelos kuschitas; o culto de Isis, uma verdadeira Virgem-Mãe, desenvolveu-se com a nacionalidade, e quando os cultos sideraes preponderaram na religião official, Neith, era a Virgem-Mãe, o espaço, o meio celeste onde Râ ou o sol renascia. No delta da Chaldêa, tambem se creou o culto da Terra, a deusa *An*, e *Anath*, anterior mesmo ás camadas turanianas e kuschito-semitas, que lhe misturaram as formas da sua actividade social, apparecendo nas religiões chaldeo-babylonicas as divindades femininas harmonisadas com as entidades masculinas, e preponderando sobretudo o acto da geração como o typo de toda a criação divina. Em uma sociedade pastoral, o desenvolvimento dos rebanhos, e a influencia do calor levam a dar á força productora a forma concreta de pae, e o symbolo phalico como meio da criação. O culto da Virgem-Mãe, entre os povos kuschito-semitas tornou-se sensual e phalagogico, sendo a forma do culto a prostituição sagrada, e as grandes festas essa hallucinação orgiastica, como a festa de *Succoth* em Babylonia, em honra de Anaitis, a *Sakea*, do Ponto, a festa dos Tabernaculos entre os Judeus; as cavernas mithriacas, os bosques religiosos, e os agapes christãos ligam-se a esta ca-

deia tradicional de costumes que se transformam inconscientemente; as festas de Anna Perena, em Roma, tal como as descreve Ovidio, são como as orgias sagradas da Succoth de Babylonia. Assim o culto da Terra teve as suas duas formas tanto em Babylonia, como na Grecia e em Roma, de Virgem-Mãe, e Virgem-Meretriz, predominando este ultimo character nos povos organizados em sociedade patriarchal, e que possuíam como elaboração propria os cultos sidericos e solares. No Egypto, em que Isis, segundo Plutarcho, é a Terra, Osiris é o seu esposo, que morre e resuscita como em todos os mythos solares. A civilisação mediterranea desenvolvida pelos Phenicios, e propagada pelo occidente europeu, fez com que se vulgarissem entre os antigos habitantes da Europa os cultos orgiasticos das Deusas-Mães, na sua forma da prostituição sagrada; e as relações da mythologia grega com estes cultos orgiasticos por via da Asia Menor, veiu dar ao seu naturalismo um novo vigor poetico, e um fervor cultural que se extinguiu. As Deusas-Mães dos povos italicos tambem se renovaram n'esse sensualismo orgiastico pelas guerras carthaginezas, e pela conquista da Grecia e invasões da Asia. Sobre esta extraordinaria phase religiosa, que precedeu o chris-

tianismo, e que preparou os espiritos para a sua assimilação, transcrevemos aqui as palavras do illustre archeologo George Perrot, no seu estudo dos *Elementos phenicios da Civilisação grega*: «Na decaendencia do mundo antigo, na perpetua elaboração do pensamento religioso sem cessar occupado em modificar as suas concepções, as figuras dos deuses olympicos que o genio grego criara com contornos tão firmes e tão nitidos, aeabam por se resumir em simples attributos da divindade suprema; essas figuras esvaem-se, e o polytheismo volta ao pantheismo. A Deusa-natureza da Asia, n'este periodo adquire todo o seu valor, todo o seu imperio sobre as imaginações; fecha o cyclo que abrira um milhar de annos antes. Era ella que, sob os nomes de Deusa syriaca, de Rhea, de Artemis de Epheso, de Isis e de Tiché, estava senhora do mundo greco-romano, no tempo em que o christianismo começou a inspirar aos pagãos apprehensões serias.» (1) Esta forma do culto da Virgem-Mãe propagada da Asia anterior, é sensual, e particularmente kuschito-semita; penetrou na Grecia e sobretudo em Roma

(1) *Rev. des Deux-Mondes*, 1879, t. xxxiii, p. 413.

e povos italicos pela sua organisação hetairista primitiva ligada aos cultos chthonianos. Esta transformação orgiastica do culto da Virgem-Mãe, facilitou a propagação das doutrinas do Mithriacismo ou do sacrificio propiciatorio de um mediador, e por um lado se a noção do fetiche Terra decaiu, o sacrificio material do homem á terra elevou-se até a uma allegorisação e abstracção philosophica, o que coadjuvou a propagação do christianismo que se apropriou dos symbolos mithriacos. Na critica das origens importa separar estes dois dados constitutivos, o da *Virgem-Mãe* e o do *Sacrificio do Homem*, pela influencia que a tradição chthoniana da Terra teve no paganismo occidental para a completa assimilação do christianismo. Em todo o occidente da Europa eram numerosos os templos á Virgem-Mãe, especialmente designados da *Mãe de Deus*, sobre colinas, com bosques sagrados, cavernas ou *lapinhas* e *fontes santas*; no tempo de Sam Martinho ainda estava no seu vigor nas Gallias o culto de Cybele, <sup>(1)</sup> e todos estes elementos fetichistas do culto da Terra

(1) Beugnot, *Hist. de la destruction du Paganisme en Occident*, 1, 302.

se conservaram na devoção da Virgem-Maria, syncretisando-se artificialmente pelo esforço da propaganda proselytica. Como o culto da Virgem Maria foi apropriado ao Occidente, escreve Beugnot: «Em verdade misturaram muitas vezes á adoração de Maria estas ideias pagãs, estas vãs praticas, estas superstições ridiculas das quaes parecia não poderem separar-se, mas a Egreja rejubilava-se vendo-as entrar no seu seio, porque lhe seria facil com o tempo expurgar estas fêzes de um culto cuja essencia era a pureza mesma.» (1) O processo de sublimação consistiu em tirar todo o character de maternidade a Maria, em eliminar-lhe esse lado poetico da *Mater-dolorosa*, que inspirou ao povo o sentimento que penetrou na egreja na augusta sequencia do *Stabat*; em separal-a da humanidade pelo immaculatismo, e em fazer por ultimo uma *poupée*, não obstante a persistencia do costume fazer apparecer nas *grutas* (Salette) ou em *fontes* (Lourdes) o mesmo typo derivado da superstição chthoniana. O fetichismo da Terra-Mãe, ainda hoje tem nos costumes europeus a maior parte dos seus elementos primiti-

(1) Idem, op. cit., t. II, p. 271.

vos, taes como o culto das *montanhas* (Calvario, Carmello, e os Puy, onde se collocam estatuas collossaes da Virgem,) o culto das *cavernas*, ou o kteis (Belem, e o presepio, grutas milagrosas, catacumbas, e as lendas da descida aos infernos, de Tundal, de Sam Patricio), o culto das *fontes santas* e rios (Jordão, e todos os tanques junto de uma arvore, pias baptismaes), o culto das *arvores*, prohibido no tempo de Carlos Magno, (persistente na lenda do paraizo, arvore do Bem e do mal, nas varas ou fascinus, nas raizes phallicas ou mandragoras, nas hastilia das sete dores, na lança do Centurião;) por fim o culto das *pedras*, dos menhirs levantados por toda a Europa, (nas picotas de forma phallica, na superstição de revolver penedos por mulheres chamadas Maria, e nas virtudes da pedra de ara.)

Todos estes elementos persistentes são peculiares do culto da Terra-Mãe, e por isso pode-se dizer que nos primeiros seculos do Christianismo, a nova religião tornou-se quasi que exclusivamente da Virgem-Mãe. Escreve Beugnot na sua obra da *Historia da destruição do Paganismo no Occidente*: «Depois do Concilio de Epheso, as egrejas do Oriente e do Occidente apresentaram á adoração dos fieis a Virgem Maria, que saíra

victoriosa de um violento ataque. Os povos ficaram como que deslumbrados pela imagem d'esta Mãe-divina, reunindo na sua pessoa os dois sentimentos os mais doces da natureza, o pudor da Virgem e o amor da mãe, emblema de doçura etc. Elles acolheram este culto novo com um entusiasmo ás vezes excessivo, pois que para muitos christãos este culto tornou-se o christianismo inteiramente. Os pagãos nem tentaram mesmo defender os seus altares contra os progressos do culto da Mãe de Deus, abriram a Maria os seus templos que tinham fechado a Jesus Christo e se confessaram vencidos.» (1) Por outra passagem já citada vemos que lhe misturavam superstições, isto é os cultos das Deusas-Mães syro-phenicias e heleno-italicas; a prova temol-a como os templos das Minervas, de Venus e de Ceres se apropriavam insensivelmente com todos os seus ritos orgiasticos ao culto da Virgem Maria, e como os nomes das primeiras mulheres que soffreram pelo christianismo tinham especialmente nomes tirados da effectividade da crença nas Deusas-Mães. Transcreveremos primeiramente una nota de Beugnot:

(1) Op. cit., t. II, pag. 271.

«Entre uma multidão de provas escolho uma só para mostrar com que facilidade o culto de Maria varreu diante de si todos os restos do paganismo que cobriam ainda a Europa. Apesar da prédica de Santo Hilarião, a Sicilia permaneceu fiel ao antigo culto. Depois do concilio de Epheso, nós vêmos os seus oito bellos templos pagãos tornarem-se em um curtissimo tempo egrejas sob a invocação da Virgem. Estes templos eram: 1.º o templo de Minerva, em Syracusa; 2.º o templo de Venus e de Saturno em Messina; 3.º o templo de Venus Erycina, sobre o monte Eryx; passava por ter sido edificado por Eneas; 4.º o templo de Phalaris em Agrigento; 5.º o templo de Vulcano junto do monte Etna; 6.º o Pantheon em Catana; 7.º o templo de Ceres na mesma cidade; 8.º o sepulchro de Stesischoro. (Vid. Aprile, *Cronologia universale della Sicilia*, p. 601) Os annaes ecclesiasticos de cada paiz fornecem testemunhos semelhantes.» (1) Na iconographia christã, encontra-se tambem a imagem da Virgem isolada, como as Deusas-Mães. (2)

(1) Beugnot, p. cit., t. II, p. 271.

(2) Abb. Martigny, *Dicc. des antiq. chrét.*, p. 659.

Muitas vezes os nomes de pessoas usados na sociedade civil são tomados dos personagens dos poemas e novellas que mais seduzem a imaginação de uma época; os nomes dos heroes da Távola Redonda foram communs na Europa do fim da idade media e até se encontram na aristocracia portugueza do seculo XIV e XV; um factio analogo se dá com os nomes dos primeiros christãos conservados nas inscripções, nas actas dos martyrios e nos escriptores ecclesiasticos: esses nomes são tomados dos cultos das Deusas-Mães helleno-italicas e syro-phenicias. Os nomes de *Artamisius*, *Artemeicia*, *Cerealis*, *Demeter*, *Demetria*, *Dianesis*, *Cinthia*, *Martia*, *Minervia*, *Minervinus*, *Palladia*, *Urania*, *Uranio*, *Venere*, *Venerius*, *Venerigine*, *Aphrodisias*, figuram nas inscripções como de martyres do Christianismo, e ao mesmo tempo significam a orientação religiosa da sociedade polytheista de que saíam, principalmente as mulheres que achavam a analogia entre os novos ritos e os cultos phalicos que substituíam (1). Nos nomes de homens apparecem com frequencia os dos deuses orgiasticos, que tambem

(1) Abb. Martigny, *Dicc. des Antiquités Chrétiennes*, p. 446, onde se acham citadas as inscripções e actas.

morrem prematuramente e resuscitam, e de deuses solares, como *Apollo*, *Apollinaris*, *Apollinaria*, *Apollonius*, *Phæbes*, *Bacchus*, *Bachus*, *Dionysius*, *Dionysia*, *Herculanus*, *Heraclius*, *Satyrus*; este uso frequente dos primeiros christãos explica a transição do naturalismo para o mithriacismo e dois seculos depois para o Christianismo.

O proselytismo das mulheres era o caracteristico das novas doutrinas; em Minutius Felix, acha-se consignada a observação dos receiosos polytheistas: «Os christãos escolhem os seus proselytos na escoria do povo, e entre as mulheres credulas.» As theorias egualitarias e a communhão da propriedade indistincta lisongeava esse elemento degradado de uma sociedade onde a tradição mantinha o bem estar de uma classe privilegiada sobre a servidão do maior numero. Bastava a aspiração communista para ligar as classes servas ao culto secreto; é por isso que os escriptores pagãos conheciam que as doutrinas dos christãos minavam as bases da sociedade. As mulheres achavam na religião nova uma seducção emocional, sobretudo pelo culto das Deusas-Mães da tradição polytheista, de que o Christianismo se apropriara, fortalecendo-se por meio de um heitairismo religioso. A concepção da Terra Vir-

gem, Artemis, Cybele, Juno, Rhea, Atergatis, da Virgem-Mãe, Urania, Aphrodite, Venus, da Mãe fecunda, Isis, Astarte, Dea Meretrix, todo este syncretismo, do elemento primitivo, *Anath*, variando nos cultos syrio-philistinos, gregos e latinos, vieram desenvolver o elemento feminino do Christianismo. O nome de *Maranatha* (I Corinth., XVI, 22) tinha um sentido secreto, talvez de senha de entrada nos ajuntamentos cultuaes, e segundo Epiphanio os nomes de *Marthana* e *Martha*, eram o de duas divindades femininas adoradas pelos judeus-pagãos da Palestina. (1)

O caracter chthoniano do culto de Maria achase tambem nos monumentos iconographicos os mais antigos: «Existe um certo numero de vidros dourados, em que Maria está de pé, as mãos estendidas,—entre duas arvores e duas pombas sobre duas columnas. . .» (2) A tradição de Virgem do templo, conservada em outra imagem que traz a inscripção: MARIA VIRGO MINISTER DE TEMPVIO GEROSALE, condiz com as reminiscencias dos templos cypriotas, syriacos e phenicios, em que as donzellas ou hierodulas estavam ao serviço da

(1) J. Baisac, *Origenes de la Religion*, t. II, 103.

(2) *Dicc. des Antiq. chrét.*, p. 660.

Deusa-Mãe; as arvores das outras representações iconographicas tomam então um sentido mais restricto. Outros vidros, cujas estampas foram publicadas por Garrucci, trazem a inscripção *Anne Mara*, o que leva immediatamente á forma feminina da divindade semitica *Marah*, a Senhora, e tambem *Marth*, o que deu desenvolvimento ás lendas do apostolado de Santa Martha na Provença. Diz Baisac: «Acha-se o nome de *Marah* ou *Marth* sobre a costa punica, em uma localidade chamada Maraza, por *Marah-Aza* a forte Senhora. . . A denominação de Martha era propriamente uma das denominações em uso, no semitismo, para designar a Mãe-divina, aquella mesmo de que os Gregos fizeram a sua Artemis ou Diana.» (1) A *torre* era um symbolo da Mãe-divina, como se vê nas figuras que representam Cybele, a *Mater-turrigera*, o que leva a comprehender não só a lenda sensual da Magdalena, (Magdla, a torre) como a voz dythirambica da *Turris davidica* e *Turris eburnea* da ladainha da Virgem Maria. (2) Em algumas sepulturas chris-

(1) *Origines de la Religion*, II, 103.

(2) *Ibidem*, p. 116.

tãs usava-se o symbolo da *torre*, na forma do modius, ás vezes com o trigo germinado, tal como os jardins de Adonis. Nos antigos ritos da Igreja, cita-se como objectos do culto *turream argenteam et columbam auream*, como na offerta do papa S. Hilario ao Baptisterio de Latrão, e na de Constantino á Basilica do Vaticano; existiam tambem a *torre* e a *pomba* nas antigas basilicas de Roma, no mosteiro de Tours, e na antiga liturgia gallicana descreve-se o rito com que se leva a *torre* para o altar. (1) Bottari descreve um sarcophago antigo no qual junto de uma mulher em oração está figurado um vaso em forma de *torre*, com uma tampa redonda que lhe dá a forma de glande e com uma *pomba* em cima; Ciampi descobriu figuras analogas do seculo VI. A *torre* é um emblema phalico «symbolizando a transição da Mãe produzindo por si mesma, para a Mãe fecunda;» (2) a *pomba* é tambem symbolo phalico, como a *mão* da torre de Borsippa. A columna confunde-se tambem com a *torre*, que se conserva nos emblemas populares das festas de Corpus Christi, até ao seculo XVII.

(1) Abb. Martigny, Dicc., p. 164.

(2) *Origines de la Religion*, t. II, p. 116.

A lenda do martyrio de S. Ignez liga-se ás tradições da Deusa-Mãe dos cultos chthonianos; o seu nome escripto nas formas *Hagne, Anna, Ana, Angne* e *Annes*, e o seu martyrio, lançando-a em um logar de prostituição, condizem perfeitamente com a deusa *Anah* e os seus mysterios da prostituição sagrada, que se acham no culto carthaginez de *Anna-Dido*, como no de *Venus-Aenaea* e de *Anna-Perenna* em Roma. Ovidio, nos *Fastos* descreve a festa de *Anna* (III, 523 sq.) com a sua prostituição sagrada em um bosque na margem do Tibre, como as *Sakoea* em honra de *Anath*, ou como o *Saccoth-Benoth* entre os Judeus. (1) A crypta em que se diz ter-se enterrado o corpo da martyr, é a gruta ou caverna, sanctuario das deusas geradoras, das Virgens-mães, como de *Astarte* ou *Venus syriaca*, da *Aphrodite* dos gregos, ou da *Venus-Urania* dos romanos; o cemiterio subterraneo de Santa Ignez, é mesmo considerado mais antigo do que essa crypta (2).

A lenda de *Agnes* ou *Anna* é evidentemente uma apropriação poetica feita por Prudencio e

(1) J. Baisac, *Origines de la Religion*, I, cap. 8.

(2) Abb. Martigny, *Dicc. des Antiq. chrét.*, V.º AGNÈS.

San Damaso sobre as tradições chthonianas da Virgem-Mãe persistentes entre o povo de Roma, onde se conservavam os costumes da prostituição sagrada a *Anna-Perenna*.

Nos momentos iconographicos, Anna, ou santa Ignez é representada quasi sempre entre duas arvores, ou dois troncos floridos, ou em um campo semcado de flores; (1) as formas iconographicas conservam mais fielmente a tradição popular, e essas arvores são o indicio da divindade chthoniana, cuja festa da prostituição sagrada se fazia em um bosque; em uma outra figura conservada em uma patena de vidro, a santa está entre duas *columns*, sobre cada uma das quaes está uma *pomba*, evidentemente symbolos phalicos do culto primitivo.

Os primeiros christãos foram accusados de praticarem em ajuntamentos nocturnos a promiscuidade das mulheres, reminiscencia do culto das cavernas ligado á adoração da fecundidade da Terra representada nos fetiches chthonianos do *kteis* e do phalus; a seita dos Adamitas, e os setarios de Prodicus conservaram mais tempo essa

(1) Abb. Martigny, ib.

tradição, que se obliterava por causa da substituição do culto da Terra-Mãe pelo culto do Mediador, a victima adolescente que morre e ressuscita. O papa Gregorio IX, falla em uma carta a Henrique, imperador da Allemanha, de uma congregação de hereticos que depois de se deixarem em *trevas*, se entregaram á hallucinação sexual. (1) O abbade Mariti, na viagem á ilha de Chypre, Syria e Palestina, descreve uma seita de christãos da Syria, os *Nezeires* ou *Nazarenos*: «crêem em Jesus Christo como propheta escolhido para instruir os homens e lhes dar a lei. Dirigem indifferentemente suas orações aos apóstolos, á Virgem, e aos antigos prophetas. Praticam o baptismo de immersão, celebram a natividade e a ascensão de Jesus Christo, e algumas outras festas instituidas por nós. Têm uma festa singular, a que dão o nome da *Madre* (utero). N'esta solemnidade vêem-se saudar as mulheres com um santo respeito, prostrarem-se diante d'ellas, e abraçal-as ternamente pelos joelhos; d'aqui vem o chamarem-lhes *Adoradores da Madre*. — Entre

(1) Dulaure, *Des Cultes qui ont precedé et amené l'Idolatrie*, p. 427.

outras depravações admittem a pluralidade das mulheres. No dia da circuncisão, em que começa o seu anno, ajuntam-se todas as mulheres na sala do sacrificio, fecham-se as janellas e apagam-se as luzes. Vem depois os homens, e cada um toma ao acaso, a primeira mulher que lhe cae na mão, sem se importar conhecel-a. Esta abominação renova-se muitas vezes no anno, e particularmente na festa da *Madre*. . . Crê-se que os Nezeires são os restos dos antigos hereticos hebionistas...» (1) Isto que se conservou como costume em um grupo isolado do christianismo acha-se descripto por Minucio Felix como accusação referida pelos pagãos, e que elle combate: «Não sabemos nós o que se passa nos vossos festins? Todos os nossos auctores o mencionam, e o discurso do orador de Cirta o attesta egualmente; em um dia solemne todos vão ao banquete, com seus filhos, mulheres e irmãs; ali, depois de um longo repasto, quando os vinhos com que se embriagaram começam a excitar n'elles os ardores da luxuria, amarram um cão ao candelabro, e o acirram para que corra apoz um pedaço de carne que atiram a certa dis-

(1) Ob. cit., II, 63. Dulaure, *ibidem*, p. 428.

tancia; as luzes tombadas apagam-se; então, livres de uma claridade importuna, ajuntam-se ao acaso, no meio das trevas, por horriveis abraços, e tornam-se todos incestuosos, ao menos na vontade se o não são em effeito, pois que o que pode succeder na acção de cada um está nos desejos de todos.» (1) Esta accusação do interlocutor pagão é verdadeira com relação ás seitas dos Adamitas, e esse costume conservou-se entre os Nezeires como se vê nas relações de viagens do seculo passado, e na ascese molinista, como se viu pelo processo da Cadière. Portanto estes factos não são só uma aberração doentia, mas uma consequencia dos elementos chthonianos que entraram na constituição do christianismo.

Depois do saque de Jerusalem, no anno 70, mais de cem mil adolescentes de ambos os sexos foram vendidos em Roma para a exploração dos lupanares; basta um facto d'esta ordem para imprimir ás concepções dogmaticas do christianismo a forma do culto das Deusas-Mães do polytheismo syro-philistino; as associações fraternas das Agapetas tomaram assim um character de concu-

(1) Abb. Martigny, *Dicc. des Antiq. chrét.*, p. 96.

binato sagrado, e é por isso que Sam Jeronymo escrevia no tratado *De Custodia virginitatis*: «Não posso dizel-o, sem córar, tam deploravel a cousa é, sem deixar por isso de ser bem verdadeira, como se introduziu na Egreja esta peste das mulheres *Agapetas!* isto é, das mulheres, que, sob um nome supposto, e sem serem casadas, occupam o lugar de esposas! ou, antes, de ter concubinas de uma nova especie; ou mesmo, meretrizes que se prostituem com um só homem». (1) Os Padres da Egreja, que abraçaram o culto das Deusas-Mães para a mais facil propagação do Christianismo, na sua moral ultrajaram sempre a mulher, identificaram-na com o mal, fizeram a demonologia feminina do *Diabo-Venus* e do *Vampirismo*, e durante a edade media accenderam as fogueiras para queimarem as mulheres *Feiticeiras por natureza*. (2) Mal sabiam esses systematisadores dos elementos cultuaes do chthonianismo e do siderismo, que conservavam o antagonismo primitivo do culto solar, em que a Terra era equiparada á morte, e a noção feminina ao

(1) Ap. Ferriere, *Les Apotres*, p. 263.

(2) Michelet, *La Soccière*, p. VII.

mal; e elles proprios, tirando ao culto da Virgem a maternidade, conservavam as festas da prostituição sagrada, e na sua moral de quietismo a justificação da sensualidade que preponderou sempre em todas as ordens monachaes, associações ou comunidades religiosas.

Ao estado da familia que influe nas formas da concepção religiosa, as quaes têm por objecto as cousas em que o homem exerce a sua actividade e sobre que trabalha, liga-se tambem o phenomeno social da organização da propriedade nas suas differentes transformações.

Quando a familia se resume exclusivamente na mãe, e sobre esta base a sociedade pastoral ou agricola se organisa no hetairismo, a propriedade começa tambem a constituir-se sobre um dado communismo de territorio; a plebe romana, oriunda do regimen da maternidade, quando este regimen já estava esquecido ainda conservava a tradição impulsiva que a levava a exigir pelos seus tribunos Licinio Stolon e os Graccos a egual distribuição da propriedade ou a execução das leis agrarias. As perturbações da sociedade romana deram-se sempre entre os patricios e a plebe representante de um hetairismo primitivo, por causa da propriedade; por isso diz Plinio, synthe-

tisando essa elaboração e conflicto social: *Latifundia perdidere Italiam*. Na sociedade grega, onde o hetairismo chegou a impulsionar o genio artistico hellenico, deu-se egual conflicto a ponto de Aristoteles attribuir na sua *Politica* as revoluções á desigualdade das fortunas. Bem caracterizada esta situação das sociedades greco-romana, o advento do Christianismo, pelo seu espirito egualitario e communista, devia lisonjear profundamente as classes inferiores e numerosas, que aspiravam segundo o estimulo do seu hetairismo primitivo a uma egualdade que suppunham usurpada pelos eupatridas e pelos patricios. O Christianismo constituiria-se com vastos elementos tradicionaes de uma sociedade baseada no regimen da maternidade e do hetairismo, como se vê nos mythos da Virgem-Mãe e pela acção exclusiva das mulheres na sua propagação; a nova religião nasceu communista, pelo desprendimento dos bens d'este mundo, e as suas grandes manifestações historicas foram communistas desde os banquetes das mulheres nos ágapes até ás ordens monachaes, que pela orientação tradicional chegaram á promiscuidade nos mosteiros duplex, e pela organização economica á accumulacão mais espantosa de riquezas territoriaes. Ainda hoje as agitações

socialistas, que pretendem fundar um novo regimen da propriedade e da familia, na sua resistencia contra os poderes publicos, alliam-se instinctivamente com o clericalismo. Os Imperadores que reconheceram politicamente o Christianismo como religião do estado, não fizeram mais do que se firmarem no throno, apoiando-se nas classes ínfimas, que na sua aspiração egualitaria achavam n'essa doutrina uma seducção proselytica e tambem um adormecimento.

Mais tarde, quando a Egreja se achou proprietaria, por cessão dos que abandonavam os seus bens, ella tornou-se aristocratica, desnaturou o Christianismo, e organisou-se na hierarchia catholica.

No seu livro *Da Propriedade e das suas formas primitivas*, Emilio Laveleye demonstra a existencia da propriedade collectiva entre os povos da Europa, sendo pouco a pouco substituida pelo direito quiritario ou absolutismo da posse pessoal; esta transformação operou-se fundamentalmente pela substituição do regimen da maternidade no patriciado: «Em todas as sociedades primitivas, na Asia, na Europa e na Africa, entre os Indianos, entre os Slavos e os Germanos, como ainda hoje na Russia e em Java, o sólo, propriedade

collectiva da tribu, era periodicamente compartilhado entre todas as familias, de maneira que todas possam viver de seu trabalho, segundo as exigencias da natureza.—Na maior parte d'estes paizes esta forma da propriedade foi substituida pela propriedade quiritaria, e a desigualdade das condições teve como consequencia o dominio das classes superiores, e a subserviencia mais ou menos completa do trabalhador.» (1) As consequencias d'esta transformação acham-se assim resumidas por Laveleye, sobre o estado da Europa e da civilisação moderna: «Se, consagrando o direito natural da propriedade, as sociedades do Occidente tivessem conservado a egualdade, o seu desenvolvimento normal teria sido semelhante ao da Suissa. Essas sociedades teriam evitado o passar pela aristocracia feudal, pela monarchia absoluta e pela democracia demagogica que nos ameaça. As communes, povoadas de homens livres, proprietarios e eguaes, alliar-se-iam por um laço federal para constituirem um Estado, e os Estados, por seu turno, poderiam federalisar-se como os Estados-Unidos.» (2) É uma tremenda

(1) Laveleye, *De la Propriété*, p. xvii.

(2) *Ibidem*, p. xxiii.

lição historica, que só aproveita ao futuro; o Christianismo, entrando nas sociedades europêas quando o regimen do patriciado e da propriedade quiritaria era exclusivo, foi absorvido n'esta direcção, tornou-se tambem proprietario, sophismando a egualdade no dominio subjectivo da moral; assim, foi um elemento de perturbação, desviando as forças sociaes para as communidades religiosas, e confundindo outra vez o poder espirital com o temporal pelo apoio da immensa doação em que se constituiram os Estados da Igreja. Ás revoltas communaes da idade media, ás extorsões do feudalismo, á pressão das monarchias absolutas, o Christianismo em vez de dar remedio, aggravou-as, porque apagou no homem o espirito de resistencia e de dignidade civil. Machiavelli nos seus *Discursos sobre Tito Livio*, com um profundissimo senso politico, propoz a seguinte these: «Porque razão os homens de hoje são menos ciosos da liberdade do que os de outros tempos? — é, se me não engano, pela differença de educação fundada sobre a differença de religião. A nossa religião corôa de preferencia as virtudes humildes e contemplativas ás virtudes activas; ella faz consistir a felicidade suprema na humildade, na abjecção, no desprezo das cou-

sas humanas. O culto pagão, pelo contrario, fazia consistir o soberano bem na grandeza d'alma, na força do corpo e em todas as qualidades que tornam os homens temiveis. Se a nossa religião exige alguma força de alma, é antes para nos dispôr a soffrer mais do que a obrar energicamente. Parece-me, então, que o Christianismo tornando os povos mais fracos, os dispoz a serem mais facilmente preza dos maos. Estes conheceram que bem podiam tyrannisar sem medo homens, que, com o intuito de irem para o paraíso, são mais dispostos a supportar injurias do que a vingal-as.» (1) O exterminio dos Catharos e Albigenes é attribuido ás suas ideias communistas, consideradas já no seculo XIII como uma heresia pela egreja; uma vez extincta esta aspiração ideal dos pobres, a sua actividade mental esgotou-se na hallucinação mystica, que veio a exacerbar-se na demonologia, nos processos da feiticeria e nos convulsionarios. O que é a Magia, da idade media da Europa, senão a recorrencia ás velhas superstições do elemento scythico que existe nas nações modernas, cujas formulas de

(1) *Discursos sobre Tito Livio*, Livr. II, cap. 2.

escunjuro, como notou F. Lenormant, repetem inconscientemente imprecações accadiccas? Com a sua hallucinação mystica o Christianismo veiu accordar este estado mental das epocas e das raças fetichistas; essa hallucinação era desenvolvida calculadamente pelos directores espirituaes, que faziam consistir n'ella a graça divina. A pobreza era o ideal da hallucinação, a ponto de produzir o nihilismo da personalidade; Francisco de Assis, que organisa uma sociedade communista fundada na adopção da pobreza, descreve-a hallucinadamente como um trovador do seculo XIII cantaria a sua dama. Mas este enervamento da hallucinação tem tambem o seu porque ethnico, e Augusto Comte, como já imparcialmente o notou Guyau, achava como caracteristica dos cultos fetichistas «o equivalente real de uma especie de hallucinação permanente.»

Depois do que apresentámos sobre a investigação combinada da familia, (hetairismo) da religião, (chthonianismo) e da propriedade, (communismo) comprehende-se com clareza as condições de formação e de persistencia do culto da Deusa-Mãe, sem o que é impossivel explicar-se a rapida e crescente propagação do Christianismo quando as suas doutrinas não estavam escriptas e os pa-

dres da Egreja ainda as fixavam por meio das discussões com os philosophos greco-romanos, e em uma forma dialectica inacessivel ao vulgo. Portanto podemos concluir com Tylor, adoptando com relação ao culto da Virgem-Mãe, que «É uma forma persistente de um estado de civilização inferior, mas impondo-se em uma phase superior não em virtude de uma verdade inherente mas pela força da tradição.»

A fusão dos cultos chthonianos com os cultos sidericos deu-se de um modo completo entre os semitas; custou a assimilal-os no polytheismo arico, conforme a fusão d'essas raças progressivas com as raças selvagens com que tiveram de co-habitar. O *sacrificio do homem* proveiu do culto da Terra, como mais tarde o Deus mediador nasce da *Virgem-mãe*; porém o progresso de um mytho havia de influir sobre a outra concepção feticista, elevando-a da sua brutal forma concreta á allegorisação digna de um estado social mais adiantado. O culto das cavernas, que influiu na formação mythica do mundo subterraneo do Hades, do Scheol, do Amenti, dos Elysios, do Limbo, liga-se insensivelmente ao culto siderico, em que o Sol todos os dias se sóme como para se renovar no kteis tellurico; os deuses solares descem ao

mundo subterraneo, como Baccho para trazer Semele, Orpheu a Eurydice, Hercules para agarrar o cerbero, Ulysses, e Christo segundo o Evangelho apocrypho de Nicodemus. Bastam estes factos para se conhecer por onde se estabeleceria o syncretismo dos dois systemas religiosos. Remontando-nos outra vez ao estado do fetichismo chthoniano, podemos dizer que o *sacrificio do homem*, quer na forma mithriaca ou christã, é segundo a applicação critica do aphorismo ethnico de Tylor: «uma derivação de um pensamento primitivo e grosseiro, que se modificou bastante para representar fielmente ainda ideias mais avançadas.» Entremos na demonstração d'este aphorismo, examinando o culto da Terra, na parte em que se observa o rito propiciatorio do *sacrificio do homem*, ainda sem vestigio de interpretação, e anterior á concepção mythica de Deusa-Mãe.

A concepção religiosa não é um producto espontaneo e primario do cerebro do homem, para se poder por ella fazer um character anthropologico, como pretendeu Quatrefages, designando-o pelo nome de *religiosidade*; a concepção religiosa a mais rudimentar é profundamente complexa, e cabe a Tylor a gloria de ter determinado os ele-

mentos espontaneos que se desdobraram na criação do fetichismo. Esses elementos derivam-se todos do *animismo*; no seu ponto de vista pessoal, o homem nas suas especulações primitivas attribuiu uma alma a todas as cousas, aos animaes, ás formas da natureza bruta, e aos proprios objectos produzidos por elle, como a setta, a lança, etc., costume que nos ficou ainda na linguagem figurada, inconscientemente como na epopêa de *Roland* fallando á sua espada, e artificialmente como nas nossas prosopopêas rhetoricas e nas locuções populares. Chegado a esta concepção especulativa do *animismo*, o homem achou-se interpretando o mundo á sua imagem, e por assim dizer, á entrada de dous caminhos: 1.º) pela entidade animica, que attribuia ás cousas fóra de si, foi levado a procurar um meio propiciatorio, para que essas entidades lhe fossem favoraveis, e assim criou o idolo fetichista, e d'ahi por diante todas as formas materiaes e abstractas que constituem essa grande actividade doentia das religiões; 2.º) pelas especulações sobre a sua propria força animica, veio a reduzir todas as phases do fetichismo ao typo anthropomorphico, e desprendendo-se da estreiteza cultural chegou ás noções metaphysicas de uma Psychologia, que foi

a base das primeiras philosophias na India, na Grecia e ainda na idade media.

O meio propiciatorio, foi a necessidade que provocou a transição da especulação *animista* para a formação material do fetiche; por isso presentiu admiravelmente Lucrecio, que foi o terror quem inventou os primeiros deuses. Citemos um exemplo, por onde se veja a passagem da noção subjectiva do *animismo* para a invenção do fetiche: entre os Papus, o fetiche chamado *korwar*, é a representação da pessoa que morre, cuja alma errante é incarnada n'esse páo cinzelado que apresenta o aspecto de uma cabeça humana; então a alma do morto é forçada por meio de esconjuros a vir incarnar-se no *korwar*, e só assim é que se evita todos os males que poderia produzir. (1) D'aqui se deduz, que á ma-

(1) Do *Korwar*, lêmos em uma noticia da missão scientifica de M. Raffray na Nova-Guiné: «o *Korwar*, idolo papu, é um grande bastão quadrado, minuciosamente contornado e rendilhado de lado a lado, com uma cabeça humana. Quando um individuo morre entre os Papus, faz-se fabricar uma d'estas estatuetas por um feiticeiro-artista, que, logo que acaba a sua obra, attrae a alma do defunto para o boneco de páo por todas as es-

neira do *korwar* dos Papus, se fabrica a imagem da cousa de que se tem medo, e pela noção animica, se concebe que a alma da cousa malevola é forçada a vir ligar-se ao idolo onde se prende, e se abranda por offertas ou por esconjuros. Tal é a origem psychologica do fetiche, antes mesmo de se tornar uma phase religiosa; isto explica a incalculavel variedade das formas fetichistas, a natureza esconjuratoria dos seus ritos cultuaes, o seu particularismo domestico e mesmo individual, e as suas transformações abstractas de genios domesticos, culto dos maiores ou Penates, e dos Espiritos em geral, como Anu, ou Thian, na China.

Nas raças agricolas os deuses presidem aos phenomenos que se ligam á cultura da terra; ou

pecies de encantos; o *Korwar*, assim animado, torna-se um dos deuses da familia, que n'elle reverenceia um dos seus membros, um dos seus antepassados; se não se tivesse esta precaução, os manes dos mortos se transformariam em espiritos maleficos, que impediriam os vivos de fazerem boa péscia, rasgariam as rêdes, virariam os barcos, enviariam doenças e causariam uma multidão de desastres.» Ap. *La republique française du 6 juin, 1878*: (Les Missions scientifiques de la France.)

se adora o vento, ou a chuva, ou o trovão, mas especialmente o fetiche directo, e por assim dizer geral e espontaneo é a propria Terra. «Entre os Finlandezes e os Esthonianos, é á Terra-Mãe que está confiado o cuidado de fazer crescer os fructos. Eguamente entre os gregos, é um sêr analogo, *Dêmêtêr*, a terra-mãe, que preenche a mesma funcção. . . » (1) Temos aqui os dois extremos da concepção fetichista, entre os finlandezes, que pertencem a essa raça á qual tambem pertenciam os Anarias, que os ramos indo-europeus encontraram no seu caminho, e entre um dos mais importantes ramos aricos. O culto da Terra-Mãe é o mais geral em todos os povos turanianos; estudamol-o aqui simplesmente como condição para entrarmos na parte cultural do *sacrificio humano*, e da sua transformação orgiastica. Como diz Tylor, a Terra-Mãe, é uma das grandes figuras da mythologia das raças da America; os Peruvianos chamavam-lhe, adorando-a, com o nome de *Mama-Ppacha* (terra-mãe); este mesmo mytho dos Caraibas e Comanchos, adorado entre os Esthonianos, e entre os Konds, te-

(1) Tylor, *Civil. primit.*, II, 397.

ve um desenvolvimento natural ligando-se a um mytho mais abstracto o fetiche do Céu; tanto entre os antigos Scythas como entre os Chinezes, o Céu e a Terra, são o pae e a mãe de todas as cousas, como se lê no Chu-King; uma vez entrados na abstracção, a noção de divindade feminina e masculina entrou no culto, na moral e na cosmogonia. D'esses dois principios fetichistas, a philosophia chinesa deduziu o principio *feminino Yang*, e o principio *masculino, Yu*, com que fundamentou uma moral pratica. Os idolos do *lingam* e do *phalus*, que são senão esta influencia do mytho da Terra-Mãe, e do Céu, ligados em casamento, representados materialmente no culto? Onde apparecer este symbolo, deve existir um subsolo mythico do fetiche-Terra. Entre os Arias, como se vê pelo Rig-Veda, existiu o Céu-pae e a Terra-Mãe, *Dyaushpitar* (Deus-pater, e Jupiter) e *Prthivi mâtár* (Demeter). Nos costumes brahmanicos conservou-se esta concepção; dizia o noivo na cerimonia do casamento: «eu sou o Céu e tu és a Terra». Tambem entre os Romanos, dizia a noiva: «Ubi tu gaius, ego *gaia*.» Gaia, na mythologia grega, era a terra, mulher de Uranos. E nos costumes anglo-saxões, existiu a saudação: «Salve, Terra, mãe dos Homens» ve-

stigio de uma concepção cosmogonica proveniente de mythos telluricos. Diz Tylor: «Entre as raças tartaras da Asia septentrional, a divindade da Terra representa uma parte consideravel e bem definida. Assim entre os Tongusses e entre os Burrattes, a Terra é collocada entre o numero das maiores divindades.» (1) Este mesmo culto se acha nas tribus indigenas da India, e além dos Konds, que adoram a Terra, ou *Bella-Pennu*, acha-se nas tribus bygag de Seonee, com o nome de *Dhurteemah*, a Terra-Mãe. Tudo prova que as raças aricas encontraram este culto entre as tribus indigenas que assimilaram na sua constituição social, como vemos pelos costumes e por varias dissidencias religiosas. O culto do sol, ou do fogo, facilmente se syncretisava com este mytho da Terra, tendendo para modificar-se em divindade feminina. O sacrificio a *Hertha*, entre os povos germanicos, era já considerado por Tacito como derivado do fetiche da Terra; e sabe-se que a raça germanica encontrou na Europa a raça scythica com que chegou a fusionar-se, e de quem recebeu a côr ruiva dos cabellos. A indicação d'este mytho

(1) *Civil. primit.*, II, 352.

tellurico entre diversos povos, conservando-se puro entre as raças selvagens, e persistindo em costumes já não comprehendidos em raças civilisadas, tem o valor de mostrar a unidade de diferentes cultos, diversificados conforme a concepção do mesmo mytho. Umas fórmulas cultuaes levaram ao sacrificio da virgindade, e á conservação do fogo procreador como vemos pela instituição das vestaes entre algumas raças indigenas da America, e em Roma; por outro lado á prostituição sagrada nos cultos orgiasticos.

Uma outra fórmula preponderante no Mexico e nas raças indigenas da India, é o sacrificio do *mucho* á divindade feminina, como seu antagonista, e por isso a victima que lhe é mais agradavel. Uma vez considerada a Terra como um fetiche feminino, o sacrificio tornou-se principalmente de uma criança, educada para esse dia; a compra do innocente, faz-nos lembrar o preço do sangue, (*trinta dinheiros*) e essa condição era essencial para o effeito propiciatorio; a criança era por assim dizer predestinada para esse grande dia, a epoca das sementeiras, e em casos anormaes por occasião de um regosijo publico ou por motivo de alguma calamidade geral. A *Ops Mater* (Festo) entre os Romanos, e *Hertha* (Tacito)

entre os Germanos, são os vestígios d'esta concepção feminina do fetiche Terra em dous grandes ramos indo-europeus, onde tambem se encontra o sacrificio de victima humana; tanto na religião grega como romana esta ordem de sacrificios achase allegorisada ou substituida, quer por imagens quer por animaes. Pausanias descreve como os sacrificios humanos foram substituidos na Grecia por algumas gotas de sangue; este processo repetiu-se entre os Esthonianos; e as ceremonias d'esta natureza, como o sacrificio de um dedo entre os aryas, são consideradas como de origem dravidica.

O sacrificio era *propiciatorio* e *expiatorio*; na conversão do fetichismo em polytheismo estas duas formas tenderam a confundir-se. O sacrificio propiciatorio, era para tornar favoravel a divindade a favor das cousas humanas. O que mais se cuidava na sociedade primitiva, na sua phase *agricola*, era a regularidade das colheitas, sob pena de se recorrer a migrações forçadas do *ver sacrum*, por causa da fome publica. Os trabalhos das colheitas eram precedidos pelo sacrificio de um adolescente á divindade da Terra, considerada como o mais augusto fetiche; e attendendo ao conflicto que se dava entre a classe

agricola e a pastoral, e a ser tambem a Terra una divindade feminina, o objecto do sacrificio era um homem, e especialmente um Pastor (um *Govinda*, na mythologia hindu.) Quando se davam as crises geracs, as doencas, os vendavaes, a esterilidade ou a estiagem, então fazia-se o sacrificio expiatorio, para aplacar a divindade offendida; entre os povos mexicanos apparecem sacrificios á Terra, trucidando-lhe *numerossimas* crianças, como a realidade concreta da lenda da *degolação dos innocentes*. Na lenda de Jesus é tambem o sangue de um innocente ou de um justo, que hade remir as maldades humanas e aplacar a co-lera do Deus-Padre. Aqui a paternidade do deus caracteriza a origem fetichista do dogma. E o proprio Sam Paulo, apezar da sua metaphysica, accetava a formula fetichista, «*não ha remissão sem derramamento de sangue.*» Nos costumes primitivos dos hebreus, quando ainda não haviam descido a Canaan, Abraham ia satisfazer á divindade sacrificando-lhe o seu proprio filho; existiu por tanto nas tribus terachitas esse costume que mais tarde apparece em Babylonia, nos cultos orgiasticos, em Mithra e Adonis, cultos que pela Asia Menor passaram á Grecia e a Roma, e que um dia se evhemerisaram em Christo.

Era no tempo das sementeiras que se fazia o sacrificio do adolescente ao fetiche Terra; Thammuz, no polytheismo da Syria, é chorado pelas mulheres syriacas e judaicas entre junho e julho; Jesus é tambem chorado em abril, e nos cultos solares o deus morre com a entrada do inverno. Os Jagas, ao começarem as colheitas sacrificam victimas humanas; os seus padres, ou Gangas, comem a carne da hostia, e o sangue serve para baptisar as primicias da terra. O sacrificio do captivo ou da criança, por occasião de uma calamidade, como entre os selvagens do Taiti, ou a morte de uma criança para que o doente recobre a saude, como em Tonga-Tabu, têm intimas analogias com o sacrificio do Deus-homem, para curar a humanidade doente pelo peccado, e salvar o mundo da ira do Deus-padre.

O culto do fetiche Terra, como divindade *feminina*, facilmente se ampliaria a comprehender a influencia procreadora, como presidindo aos phenomenos da parturição. Segundo Castren, o fetiche da Terra entre os Esthonianos preside aos partos, e entre os Gregos *Hera* representa a Terra com os mesmos attributos. (1) É o desen-

(1) Tylor, *Civil. Primit.*, II, 395.

volvimento do fetiche da Terra-Mãe, cujo caracter *feminino* tornando-se abstracto em uma raça superior, adquire esse caracter sensual e hallucinador das festas phalagógicas. Foi com este caracter que prevaleceu entre os povos da Asia anterior, sobretudo entre os povos semitas.

Entre alguns povos que conceberam o fetiche da Terra como ligado por união sexual com o fetiche do Sol, existe entre elles o desenvolvimento de um antagonismo, tornando-se a Terra um fetiche malevolo, e o Sol um libertador. A necessidade do culto da Terra entre povos *agricolas*, e a necessidade da propiciação pelo sacrificio humano, eram motivos de separação e de odios profundos da parte das raças *pastoraes*. As raças *agricolas* eram equiparadas ás serpentes, e symbolisadas por um fetiche ophiolátrico; assim foi facil o constituir-se sobre isto o novo mytho da introdução do mal no mundo pela mulher, e da morte do innocente como expiação d'esse mal. A victima comprada ou roubada para o sacrificio á Terra não podia deixar de pertencer á raça *pastoral* para ter toda a efficacidade; e por isso nos mythos aricos, Kristna se torna em Govinda ou pastor, em volta de quem se fazem as festas orgiasticas. Christo nas representações primitivas

é tambem considerado como *negro* (christna) e como o *Bom-Pastor* (Govinda.) Nos Vedas, a terra sagrada que recebe a semente chama-se *Armaitea*, nome evhemerisado em José de *Arimathea*, que dá a sepultura ao crucificado.

E visto que fallamos na Cruz, como symbolo e instrumento do sacrificio, a sua existencia entre povos diversissimos, como os peruanos, os arias, os romanos, e até entre os egypcios, em epochas muitissimo anteriores á nossa éra, provanos que são differentes symbolos emquanto ás concepções mythicas, postoque tenham toda a analogia na fórma. No Egypto a *cruz ansata*, á maneira de uma pomba de asas abertas, é um um vestigio phalico, cujo caracter se conservou no Christianismo na pomba que symbolisa o Espirito santo. No Peru, a cruz é a representação dos quatro pontos cardeaes da orientação polytheista. Entre os Arias, é o instrumento da produção do Agni, ou o fogo do altar, pelo arani (a Virgem) e pelo Tvastri (o carpinteiro); nos mythos christãos conservou-se esta evhemerisação, materialisando-se o Agni no Agnus Dei ou o cordeiro do sacrificio. Como instrumento penal, posterior a todo este symbolismo, a cruz é puramente semita, usada especialmente pelos cartha-

ginezes e adoptada pelos romanos. Ou pelo igniterebrator das raças selvagens, ou pelo culto do fogo dos arias, ou pelo culto phalico kuschito-semita, a Cruz, como symbolo do sacrificio, tem uma origem anterior a toda a evhemerisação evangelica.

Os Judeus, como todos os outros povos da Asia anterior, syrios, cananeos, phenicios, usaram *sacrificios humanos* ainda depois de se haverem elevado do seu fetichismo primitivo ao monotheismo mosaico. O seu instituidor prescreve: «Vós não imitareis as abominações dos povos cananêos, que offerecem aos seus deuzes os filhos e filhas queimando-lh'os.» Por aqui se vê que subsistia o culto primitivo entre as classes populares, culto communicado á raça semitica na Asia central pelas povoações inferiores ainda hoje representadas por tribus dravidicas, e que constituiam esse elemento ethnico turano-kuschita. Abraham tambem conduz para o altar de terra seu filho Isac, para ser sacrificado á divindade; signal de que era este o culto entre as tribus terachitas quando desceram para Canaam, e que sobrevive em Jeplité fazendo voto do sacrificio humano para vencer a batalha contra os Ammonitas. Ezechiel descreve tambem as mulheres israelitas

chorando pelos montes a morte do joven *Thammuz*, divindade solar dos Syrios, morto na flor da idade como os outros deuses *Atys*, *Baccho*, *Christo*, *Adonis*, *Mithra* e *Zagreus*. Havia por tanto entre os Judeus todos os elementos tradicionaes fetichistas para facilmente acceitarem os cultos orgiasticos babilonicos, as allegorisacões de um messianismo medo-persa, as abstracções alexandrinas de um mediador offerecendo-se em sacrificio humano como victima expiatoria da humanidade. *Philon* chegou á parte metaphysica d'esta elaboracão, e só as raças áricas da Europa é que evhemerisaram as lendas fetichistas do *sacrificio humano* conservado nos cultos syrophenicios.

Entre as outras raças semitas o *sacrificio humano* nunca perdeu a sua terrivel realidade; os ammonitas queimavam os seus filhos a *Moloch*; os arabes matavam-os ante o idolo de *Hobal*, e entre os carthaginezes fazia-se o sacrificio das crianças nas calamidades publicas, e havia o suicidio religioso. Os sacrificios humanos eram uma expiacão ao *Fogo* ou á *Terra*, os grandes fetiches d'essa raça ante-historica, que precedeu na Asia os Arias e os Semitas. Entre os Semitas prevaleceu o sacrificio ao fetiche do *Fogo*, pelas suas rela-

ções com as raças chaldeo-babylonicas; entre os Arias o fetiche do *Fogo* conservou-se entre os Sivaítas, e entre os Vratyas o fetiche da *Terra*, e modernamente ainda entre os Khonds. O fetiche do Fogo deriva-se do fetiche da Terra, como fórma do calor central; Vesta entre os Romanos confundiu-se com o *Fogo* e com a Terra, e a sua natureza *feminina*, nos collegios de vestaes communs á Europa e á America, prova-nos que proveiu d'esse fetiche já secundario da Terra-Mãe, e em fórma allegorisada.

Entre os sacrificios da religião dos árias existiu o sacrificio do homem, denominado *Puruchameda*, ou *Narameda*. No Rig-Veda acha-se um hymno destinado ás ceremonias do sacrificio humano. Pelas transformações da civilisação védica e brahmanica, o *Narameda* caiu em desuso, mesmo porque foi uma introduccão proveniente do contacto dos árias com as raças ante-historicas e fetichistas da Asia, que chegaram a constituir-se em familias sacerdotaes. O sacrificio humano não podia ser comprehendido, porque se lhe perdeu o conhecimento da origem, e por isso os brahmanes, ao encontrarem esse hymno ritualistico do Rig-Veda, explicavam-no como uma allegoria de um primitivo sacrificio em que o Deus Pradja-

pati immolou o seu filho Yadjuya. O nome de *Pradjapati*, designa Brahma, o deus supremo feito homem; e Yadjuya é o proprio sacrificio; esta interpretação sacerdotal nos revela como dos antigos cultos fetichistas do sacrificio do homem se havia de partir para um avatar ou *incarnação* da divindade, e para derivar o dogma metaphysico da redempção pelo sacrificio expiatorio. A prova de que este costume da India prehistorica existiu, é a sua persistencia no homicidio religioso dos hindus á deusa Kali, e nas seitas dos thags ou phansgars, restos de ritos e superstições decahidas. O suicidio voluntario, em epochas de calamidade publica dá-se entre alguns collegios bramanicos, como no de Nagrakut. Modernamente ainda persiste entre os Khonds o sacrificio do homem á divindade tellurica, Bera-Pennu, o fetiche da Terra, com as formas antiquissimas, em grande parte communs aos cultos mexicanos e peruanos, e com bastantes elementos repetidos no sacrificio de Jesus. Em uma pagina dos numerosos estudos do fallecido orientalista francez M. Ariel, fallando dos Khonds, lê-se que é uma raça com caracter cavalheiroso, soberba emquanto á sua origem, fiel e dedicada, com uma certa brandura; entre os Khonds o sa-

crifício humano (*Méria*) nos districtos de Ganjam e Kattak «não é inspirado por nenhum sentimento feroz mas sim pelo medo que elles têm de uma divindade malevola, que este acto terrível deve tornar propicia.» Não podemos deixar de transcrever aqui a descripção da *Méria*, para explicar como a lenda do sacrificio do filho de Deus, quer seja Yadjuya, ou Jesus, se deriva de tradições de um ritual fetichista:

«Sabe-se que a *Méria* é offerecida cada anno por occasião das sementeiras, com o fim de obter condições atmosfericas favoraveis e cearas abundantes. Faz-se em um grande numero de localidades, cujo numero se não pode determinar, e a victima bem como as despezas da cerimonia tocam por turno a cada cantão do districto. Além da *méria* annual, ha cantões onde se fazem outras por occasião de uma festa, de uma doença, de uma calamidade publica ou particular; um criminoso ou um prisioneiro nunca tem a honra da immolação. (1) É preciso que a victima tenha sido comprada por uma somma de dinheiro, ou trocada por um equivalente em objectos. (2) O

(1) Jesus é de stirpe regia.

(2) Jesus comprado por trinta dinheiros.

preço varia de 60 a 200 rupias. A idade e o sexo são quasi que indifferentes; comtudo o rapaz adulto, por isso que custa mais, é considerado como a offerenda preferivel. Durante annos, as crianças destinadas ao sacrificio são criadas na familia do seu possuidor. Elles não ignoram a sorte que lhes está reservada e geralmente a aceitam. Se se recusam á promessa de não fugirem, é que andam amarrados. Algumas vezes poupam-os e casam-os; n'este caso os filhos d'elles substituem-os no dia fatal escolhido pelo arbitro da sua existencia. Um mez antes d'este dia começam as orgias e as dansas em volta da victima coroada de flores. Na vespera embriagam-na e sentam-na ao pé do póste expiatorio. Os Khonds dançam em roda d'elle cantando:==  
Oh Terra! nós sacrificamos-te, dá-nos sementei-  
ras, bom tempo e saude! O mancebo! nós t'o ha-  
vemos comprado, não t'o roubámos, e immola-  
mos-te segundo o costume. Nenhum peccado caia  
sobre nós!==

«Chegado o momento, o mancebo é embriagado e unguido de oleo. Cada qual toca-o com o dedo, que enxuga sobre a sua propria cabeça. Levam-no privado de sentimento em volta dos limites da aldêa, e tornam-no a trazer para o pé

do póste. Ali, é agarrado, derribado e afogado; o corpo palpitante é despedaçado. O padre enterra um bocado ao pé do idolo, e todos os assistentes tratam de cortar uma migalha de carne e leva-a ainda quente para o campo que querem fecundar. É com este sangue puro que os desgraçados esperam apaziguar a deusa Terra, que, ciosa do amor dado ao homem por seu esposo e seu creador, o Deus da luz, introduziu no mundo o peccado e o mal, e exige a infame hecatombe de innocentes crianças.» (1)

Estes costumes existem com as mesmas formas entre os Mexicanos, como já observou Mr. Labarthe, e repetem-se com pequenas variantes entre os povos que conservam o culto fetichista da Terra. D'este facto podem tirar-se importantissimas deducções: que as analogias ethnicas que existem entre as civilisações da America e a civilisação vedica e brahmanica, provêm de uma mesma raça ante-historica commum aos dois continentes; que as raças *agricolas* da Asia, os *kris-*

(1) Ap. Rosny, *Variétés orientales*, p. 201; no relatório acerca da Bibliotheca Tamul de M. Ariel, de Pondichery.

tnas, os trabalhadores da terra, perturbavam os sacrificios dos arias, e foi esse o conflicto com o deus da luz, e o motivo da separação do ramo iraniano. Mais tarde, Kristna, o joven deus sacrificado, é convertido em um *pastor*, ou *Govinda*. Na mythologia americana de Cundinamarca, o filho da *Méria*, isto é, do sacrificio, era sempre o começo de uma era nova, que se contava desde o dia da sua morte; era criado desde tenra idade para ser immolado ao Sol, e não tinha outro nome senão *Guesa*, aquelle que não tem patria. No dia do sacrificio era amarrado á columna e trespassado de setas. <sup>(1)</sup> *Guesa* ou *Christna* são os dous nomes com que a victima humana era conhecida na India e em Cundinamarca; na India o facto concreto foi symbolisado pela civilisação vedica e tornou-se uma lenda poetica entre os brahmanes. Na vida agricola dos Aryas persas a Terra ainda conserva um character sagrado *Armaiti* (o genio da terra, cuja obra pura e santa era a agricultura.) Sabendo-se como os Kristnayas e Kristnas, significam os trabalhado-

(1) *Mythologie comparée*, de Gerard de Riale, 1, p. 286.

res da terra, os negros, é natural a coincidência de se fazer de *Armaiti* aquelle discipulo de *Arimathia*, que dá sepultura ao mestre sacrificado.

São numerosas as circumstancias que levam a procurar as origens dos mythos e lendas de Kristna no culto fetichista de uma raça ante-historica que precedeu na Asia os Semitas e os Arias; cada uma d'estas raças modificou esse culto segundo o seu character progressivo, uma elevando-se ás fórmas orgiasticas, aos mysterios e ao dogma do sacrificio do filho de Deus; a outra chegou até esta allegoria, mas a unidade theologica brahmanica não elaborando este mytho, deixou-o como o objecto dilecto da poesia e litteratura hindu.

O sacrificio da victima humana, embora se ache entre os Arias, a sua facil extincção prova não só que elle repugnava ao genio bondoso e á propria civilisação d'esta raça, como tambem era uma implantação extranha, proveniente do contacto com uma raça inferior, e indigena na India, da qual algumas tribus o conservaram até hoje. No seu estudo sobre a Religião dos Arias, escreve Maury: «Mas este sacrificio, chamado *purucha mêdha*, estando em opposição com os costumes suaves dos Hindus, desapareceu rapi-

damente, não deixando vestígios senão na cerimonia typica que se acha no *Yadjur Veda*. Cento e oitenta e cinco pessoas de diversas tribus e sexos são amarradas a onze *yûpas*, ou columnas do sacrificio, e depois que se cantou o hymno em honra da immolação de *Nârayana*, são desatadas sem se lhes fazer mal, e offerecem-se em seu logar oblações de manteiga. Tambem na Grecia e em Roma se acham cerimonias symbolicas substituidas, graças ao adoçamento dos costumes, aos sacrificios barbaros que faziam correr o sangue do homem.» (1)

Esta mesma substituição do sacrificio humano se acha na sociedade indiana com relação á morte da mulher por occasião do funeral do marido. O grande ethnographo Tylor, considera o sacrificio da Suthy, «como a reproducção, provocada por certas influencias, de um antigo rito aryano remontando a um periodo anterior aos Vedas. As particularidades da antiga cerimonia sagrada parecem indicar que, em um rito de fórma mais

(1) *Croyences et Legendes de l'Antiquité*, p. 156. Maury apoia-se sobre a auctoridade de Wilson e de Lassen.

antiga, a viuva devia ser queimada com o marido, e que, com o tempo, uma lei mais humana fez substituir o sacrificio por um symbolo. Em appoio d'esta interpretação podia-se citar a antiga prohibição expressa de sacrificar a mulher, prohibição dirigida, segundo toda a verosimilhança, contra um costume effectivo:—Seguir seu marido morto é absolutamente prohibido, diz a lei dos Brahmanes. Quanto ás outras castas esta lei pode, segundo as circumstancias, applicar-se ou não ás mulheres.—(Max Muller e Ad. Pictet). Considerar o sacrificio das viuvvas, na India, como um caso de regressão a um antigo costume, parece-me o que melhor concorda com os dados ethnographicos geraes. O sacrificio das viuvvas acha-se em differentes partes do mundo, entre povos n'un gráo inferior de civilisação, e isto concorda com a hypothese que a raça aryaca, quando ella ainda estava no estado primitivo e barbaro, observava este costume. Pode-se então explicar pela transmissão directa, desde uma alta antiguidade, a existencia de um costume semelhante ao da India moderna entre as antigas nações aryanas estabelecidas na Europa, os Gregos, os Scandinavos, os Germanos e os Slavos. Se esta supposição é fundada, as prescripções vedi-

cas, por mais antigas que sejam, correspondem aqui a uma reforma e reacção contra um rito selvagem ainda mais antigo do sacrificio das viúvas, rito que estes livros sagrados prohibem de facto, mas deixam subsistir como um symbolo. A historia das religiões appresenta effectivamente, numerosissimos exemplos da tendencia que tem a humanidade a recair, apezar de todas as reformas, na barbaria e obscurantismo do passado.» (1)

Existem na Asia central populações que não chegaram á altura da civilisação hindu; essas raças não são hoje consideradas como ramos áricos estacionarios ou degenerados, mas sim como tribus primitivas que os Arias encontraram, cujos restos ainda actualmente representam o estado da sua primeira cultura. Tylor apoia este seguro ponto de vista: «O facto, que nem o tronco arico, nem o tronco semita, em tantos milhares de annos de existencia conhecida, nunca deram origem a um ramo selvagem, facto attestado pela historia da linguagem, depõe com uma certa força contra a probabilidade que um desvio para o es-

(1) *La Civilisation primitive*, 1, p. 542.

tado selvagem se tenha alguma vez manifestado.» (1) D'aqui se conclue, que entre os povos aricos e semitas devem existir vestigios persistentes de um estado selvagem, recebidos das raças inferiores com que tiveram de fusionar-se; que esses vestigios foram em grande parte transformados pelas necessidades de uma civilisação superior. Diz Tylor: «Na India, ha tribus aryanas pela linguagem, mas cujo character lembram o typo das populações indigenas, provenientes em grande parte da raça indigena com uma mistura mais ou menos pronunciada.» (2) É entre essa população dos anaryas, na India vedica, que vamos encontrar um estado *agricola*, com o sacrificio ao fetiche Terra, em conflicto com o naturalismo árico, e resistindo á systematisação theologica dos Brahmanes. Essas raças agricolas, são chamadas os negros, os trabalhadores da terra, *Christnas*, e os seus ritos prohibidos ou detestados pelos Arias tomaram um character magico no Atharvan-Veda; a propria terra lavrada foi chamada *Christna*.

(1) *Civilis. primit.*, I, p. 61.

(2) *Ib.*, p. 57.

Como é que o sacrificio humano do Narameda penetrou entre os Arias, que o converteram em allegoria, senão por ser recebido de uma raça inferior? Como é que os Brahmanes deificaram o Christna, senão pela grande preponderancia d'essa raça inferior, que chegara a introduzir algumas familias no sacerdocio? Portanto é indispensavel estudarmos a situação d'essa raça anarica no meio da civilisação vedica, e successivamente deduzir da sua condição agricola o culto do *Christna*, para que se determine as similhanças e anterioridade d'este mytho ao de Christo.

Como complemento d'este trabalho é tambem indispensavel observar as modificações que essas raças anaricas (proto-medicas ou turanianas) imprimiram na mythologia iranica, desenvolvendo o culto de Mithra sobre que se moldaram as formas da paixão do Redemptor.

Sabendo-se que a civilisação árica se baseou sobre populações persistentes na Asia central na epoca da immigração para o Septasindu, e observando a persistencia do sacrificio expiatorio de um innocente entre os Khonds ainda actualmente, descobre-se os caminhos por onde o polytheismo árico teve de modificar esse culto fetichista, como os Brahmanes o tentaram expungir,

como o *Atharvan-Veda* conserva os vestígios mágicos de um culto prohibido, e como os povos *agricolas* *Vratyas* e *Vratynas* se conservaram separados da reforma brahmanica por causa dos seus cultos telluricos. O culto da Terra é privativo de uma divindade *feminina*, á qual se lhe sacrifica um *homem*; na India este culto pôde persistir algum tempo na sociedade árica, pelo processo de systematisação theologica da unificação do fetiche Terra-Céo ou Terra-Sol, mas o objecto do sacrificio começou a ser substituido allegoricamente; comtudo conservou-se a tradição do *Narameda*, ou sacrificio do homem.

Nos cultos fetichistas, a victima humana sacrificada ao Deus é *adorada antes do sacrificio*. Aqui está um vestigio que nunca mais se perde, vindo a tornar-se exclusivo, nos cultos orgiasticos do polytheismo, e dogma fundamental no mais abstracto monotheismo.

Nos cultos polytheistas, o Deus a que se sacrifica a victima humana é abandonado ou esquecido, mas *adora-se unicamente a victima*. No polytheismo árico, o sacrificio torna-se uma simulação allegorica, mas no polytheismo das raças semiticas, o sacrificio conserva a sua realidade concreta. Judeus, syrios, arabes, kannanêos, car-

thaginezes, todos conservaram este rito selvagem, recebido de civilizações inferiores com quem estiveram em contacto. Era portanto entre estas raças semíticas que o *sacrificio do homem* podia desenvolver-se allegoricamente n'esse vigoroso ideal do *Messianismo*, e sobre todo n'aquelle povo que operasse pelo seu atrazo mental o syncretismo de um culto barbaro com os mythos solares orgiasticos da civilização medo-persa e hellenica, taes como a morte de Mithra, de Thamuz, de Adonis, de Atys e Zagreus, reproduzidos inconscientemente na paixão do Messias pelos judeos-hellenistas. É por isso que o Christianismo havia de receber um desenvolvimento dogmatico entre os metaphysicos alexandrinos, e ser facilmente tornado proselytico em Roma, por causa de ter sido ali precedido pelos cultos mithriacos.

Tal é o fundo mythico, que as civilizações que se vão succedendo aceitaram sem discussão, accomodando-o na sua irracionalidade selvagem ás novas necessidades da consciencia, *interpretando-o* ora allegoricamente, ora por meio do mysticismo sentimental e doentio, ora por meio de um sentido incomprehensivel ou mysterio, violando a natureza humana pelo sacrificio da ra-

zão, pelo attentado ao desenvolvimento social e pelo aniquilamento da individualidade. A accommodação d'esse velho culto fetichista ás necessidades das novas civilisações, tem consummido toda a energia mental do homem desde o seculo III até ao seculo XVII, como se pode observar n'essa longa esterilidade scientifica e na incalculavel somma de obras theologicas que subsistem nas bibliothecas. A razão, apesar de adstricta ao dogma, emancipou-se pelo regimen de algumas verdades scientificas, e veio tambem um dia estudar o phenomeno que a atrophiava. Começou por *interpretar*, e o seu trabalho foi negativo, como se vê pela obra dos Encyclopedistas; finalmente achou o methodo historico-comparativo, e a analyse simples mostrou-lhe a origem primordial do facto recebido da mentalidade selvagem, e o modo como esse facto se foi transformando segundo as condições de cada civilisação. Este processo racional faz-se hoje sem violencia; é um phenomeno sociologico, que se estuda com a serenidade imperturbavel com que se observa uma producção economica ou esthetica.

O Christianismo é um grande phenomeno social e historicamente complexo; seria absurdo e impossivel chegar a qualquer resultado discutin-

do-o no seu conjuncto; é preciso remontar aos seus elementos constitutivos, e na maior antiguidade é que está a menor *interpretação*, e por conseguinte a inteira clareza das suas formas. Como em todas as religiões que chegaram a uma *systematisação theologica*, o Christianismo compõe-se de uma parte *mythica*, (origem) de uma parte *cultural*, (conservação) e de uma parte *doutrinaria*, (transformação.) Estes tres phenomenos succedem-se historicamente; quasi sempre se esquece com o tempo a parte *mythica* da religião, e a *interpretação cultural* é que é o primeiro esboço de *systematisação theologica*. Como no Christianismo a parte doutrinaria veio feita da *metaphysica grega*, o trabalho de *assimilação* d'essa doutrina fez esquecer o fundo *mythico*, e o proprio culto foi interpretado como uma recordação *allegorica* dos *mysterios abstractos*. Não seguindo a ordem natural e historica na *analyse*, o *syncretismo christão* fica n'uma *obscuridade*, que as *intelligencias* sem *habitos scientificos* accceitam como uma obra divina. E comtudo na parte *mythica*, o Christianismo deriva-se de uma *allegorisação* dos *sacrificios humanos á Terra* (através dos cultos *orgiasticos da Asia anterior*.) Na parte *cultural*, os seus ritos, como o provou Burnouf,

persistiram sempre nos povos indo-europeus (derivados do culto de Agni, o *Agnus*.) Na parte doutrinaria, o Christianismo deve tudo ao neoplatonismo (Havet) e ao philonismo.

Tal deve ser o methodo do estudo.

Assim como na parte *mythica* do Christianismo o sacrificio do homem é um resto do fetichismo primitivo que se tornou symbolico em muitas religiões polytheistas, tambem na sua parte *cultural* conserva uma feição bem caracteristica, a hallucinação do ascetismo, que egualmente, como as exaltações orgiasticas e dyonisiacas, provém de uma orientação mental fetichista. Ha porém uma differença, que na hallucinação fetichista a excitação da imaginação pertence ao sacerdote ou chaman, emquanto que hoje no ascetismo christão o padre desenvolve pelos jejuns e penitencias o estado de hysterismo produzindo o extasi por esse meio no devoto. O monachismo do occidente, a vida eremitica, a ascese dos penitentes como Francisco e Bruno, precederam o systema da direcção espirital a frio, dos molinistas e quietistas. O grande psychologista allemão Wundt chama a estes cultos fetichistas dos plainos da alta Asia, desertos e areientos, seguidos pelos Ostiakos, Samoiedos, Jakutes e ou-

tras tribus turanianas, a *religião dos steppes*, religião de pezadellos e miragens, de illusão desvairada dos sentidos, provocadas pela sêde febril e pela apprehensão dos gritos das fêras. As cerimoniaes do culto para o chamanista consistem em produzir o extasi por meios artificiaes, por que d'elle se seguem as revelações e os mysterios; é por essa via que se entra em commercio com o mundo sobrenatural.

Como o polytheismo árico se enxertou sobre cultos fetichistas das povoações anaricas, e o polytheismo avestico sobre os cultos da Média, e o polytheismo hellenico sobre os cultos fetichistas da Asia Menor, é por isso que em todos estes grandes systemas religiosos apparece no culto a *hallucinação*. Na Grecia o vinho era o meio de produzir a exaltação orgiastica e a furia das Ménadas das festas dyonisiacas, da mesma forma que o opio no sul da Asia, e o haschich ao norte da Africa. O Budhismo na India consistiu exclusivamente no ascetismo ou exaltação da sensibilidade para communicar com o Nirvana; e os cilicios, disciplinas, jejuns e vigílias dos claustros catholicos, são essa mesma excitação morbida, analogá nos effectos e no intuito inconsciente ao que vemos na India e na Grecia; a bac-

chante que chora esgadelhada e ullulante a morte de Dyonisos reaparece em Thereza chorando a paixão do seu Jesus; o anachoreta que se excita pela solidão completa, e se consomme em um amor ideal pela Virgem, reaparece como o fakir que se condemna á ankylose de qualquer dos seus membros.

Estas relações não provém de uma conexão historica immediata, mas sim de um fundo common de ritos fetichistas sobre que estas religiões se desenvolveram. Por isso rematamos com o lucido pensamento de Guyau: «Assistir ao nascimento de uma religião, é simplesmente vêr como um erro pode entrar no espirito humano, soldar-se a outros erros ou a verdades incompletas, amalgamar-se com ellas, depois subordinar pouco a pouco todas as outras verdades contidas na alma humana, até que por fim se chegue a procurar a sua origem e que se ache simplesmente uma inducção muito rapida ou incompleta, uma illusão dos sentidos, um engano da natureza, uma miragem, um nada.» (1)

(1) *Revue philosophique*, t. VIII, p. 581.



## CAPITULO II

### VESTIGIOS POLYTHEISTAS DO MYTHO ORGIASTICO CHRISTÃO

Os que escrevem a vida de Jesus admittem uma personalidade historica, e acceitam os Evangelhos como uns documentos authenticos, de escriptores conhecidos, e cuja fórma se fixou pela imprensa, taes como se manuseam todos os dias. Mas n'essa personalidade existem syncréticos bastantes elementos mythicos dos cultos solares syro-phenicios, phrygio-hellenicos, medo-persas, e nas fórmas cultuaes conservam-se bastantes residuos de mythos áricos das raças indo-europêas; e esses documentos são vagas tradições individuaes redigidas dois seculos depois da nossa éra, anonymamente, com o estylo lendario como

o dos agiographos da idade media, e dando ao personagem o mesmo relêvo historico que as Gestas francezas dão a Carlos Magno, e os Niebelungen a Attila.

Um trabalho sério sobre este facto historico, que veiu apoderar-se da civilisação greco-latina e lançar a Europa no mysticismo apathico da razão, só pôde ser feito com liberdade de criterio estudando os elementos poeticos que se syncretisaram n'esta corrente sentimental. Antes de estudar a vida de Christo importa remontar ás ideias messianicas, e recompôr o estado moral do mundo n'essa grande phase de formação das religiões proselyticas. As religiões invadiam-se insensivelmente por causa do cosmopolitismo dos povos; a Grecia, a Phenicia e a Judêa propagavam as doutrinas eskatologicas do Egypto; a Persia, nas suas grandes conquistas, espalhava o mazdeismo; a Assyria fazia reviver os cultos proto-medicos, que por via da Asia Menor se misturavam com o polytheismo hellenico; o Romano occupando a Grecia, o Egypto, a Judêa e a Asia Menor, era dotado d'esse genio religioso abstracto, que facilmente concilia as divindades dos outros povos. Estas grandes nações não tendo industrias, nem sciencias positivas a communicarem entre si, com-

municavam os seus mysterios, davam a iniciação dos seus mystagogos. Os philosophos tornaram-se theúrgos, e allegorisavam com mil subtilezas a letra dos seus velhos livros sagrados; os sacerdotes tornavam-se ascetas restringindo o culto a uma mortificação concentrada; as theorias cosmogonicas e a moral das escholas tendiam a tornar-se un mysterio de iniciados e uma religião hallucinadora. Foi uma phase especial do mundo, phase que começa na prégação de Pythagoras na Italia, em Onamaécrito na Grecia, e se propaga de Paulo até aos Doutores apologetas que systematisaram a doutrina do Christianismo. Vista a esta luz da corrente historica a personalidade de Jesus nada tem de extraordinario, e desaparece como nulla debaixo da efflorescencia dos elementos mythicos de que as narrações lendarias o cercaram; o facto da propagação rapida do Christianismo foi uma consequencia do estado mental, em que pelo syncretismo das religiões do Oriente, Asia central, Asia Anterior, Asia Menor e Grecia, todas essas variedades de religiões tinham no fundo um mytho identico, o Sol do inverno que morre e ressuscita no verão, isto é um Deus que é morto pelo Mal e que ressuscita pelo Bem. Aqui o Mal é a Mulher, é a sua alliança com a

Serpente (symbolo tellurico) é Pandora, são as Bacchantes, que despedaçam Orpheo, é emfim o resto do antigo culto da Terra, que persiste pela interpretação pejorativa, apesar de suplantado pelos cultos sidéricos dos povos semitas e áricos.

O conflicto das raças, que se revela pela sua extincção, pelos cruzamentos forçados e pelo regimen da escravidão, dá-se na ordem moral no syncretismo das crenças religiosas, e na decadencia dos mythos que se transformam em poesia nacional. Seguiremos apenas o facto do syncretismo dos diversos systemas religiosos, d'onde Tylor deduz este quesito, que se deve applicar á critica das religiões superiores e de indole theologica: «Será o producto de uma theologia anterior, producto assás sensato para desempenhar um papel util em uma theologia subsequente?» Eis aqui o problema do Christianismo, emquanto ás doutrinas theologicas do *Sacrificio de um Mediador*, da *Ressurreição e immortalidade*, e das *Penas e recompensas*. Todas estas noções provieram de uma theologia anterior, mas susceptiveis de serem allegorisadas, interpretadas, e adaptadas a um mais elevado estado da consciencia humana.

O conflicto das raças de civilisação turaniana

com as raças Kuschito-Semitas, reflecte-se no encontro dos dois systemas-religiosos o *Chthonismo*, ou o culto da terra, e o *Siderismo*, ou o culto do fogo, quer nos astros, quer reproduzido pela mão do homem. O antagonismo d'estes systemas religiosos reflecte-se no proprio nome de *Turan*, dado pelos Arias aos inimigos, aos negros, adoradores da Terra, os perturbadores dos sacrificios. O culto das Deusas-Mães teve o seu maximo desenvolvimento entre as civilisações acadica e babylo-nica, de origem turaniana, e pela força da tradição penetrou no Christianismo, em que o culto da Virgem-Mãe quasi que suplantou o desenvolvimento mythico do joven-Deus que morre e resuscita. Este conflicto, que entre os Padres da Igreja se revela por contradicções profundas, taes como fazerem da Virgem-Mãe o instrumento passivo da encarnação do Redemptor, ao mesmo tempo que declamam contra a Mulher como o principio do Mal, e a que se ligou com a *Serpente* para a perdição do genero hamano, este conflicto é muitissimo antigo: encontra-se no polytheismo siderico dos povos kuschito-semitas, e no polytheismo dos povos áricos, especialmente na Grecia. Os cultos decahidos tomam sempre um caracter magico, de intuito maligno; e a

personificação do Mal na *Serpente*, significa a victoria do systema polytheista do Fogo ou a Vida sobre o da Terra ou a Morte; antes do seu triumpho o deus solar succumbe e desce ao seio da terra, victima sublime do mal, de que se torna vencedor. Este lado decahido dos cultos telluricos teve um desenvolvimento magico no Christianismo na epoca terrivel da Feiticeria.

Os povos pastoraes consideravam os trabalhadores da terra, as raças agricolas, como *serpentes*; em um dos capitulos do Mahabarata vem uma lenda no *Artiha-Paria* em que se allude a um «povo de raça negra, um povo de serpentes, isto é, considerado como autochtone, porque os mythos de todos os ramos da raça ariana têm constantemente representado como *serpentes* ou sêres anguipedes as populações que elles consideravam como produzidas da mesma terra que habitavam.» (1) Eram agricolas os povos cujas civilisações rudimentares serviram de base ao desenvolvimento assombroso das raças semitica e árica. Os mythos solares caracterisavam especial-

(1) Fr. Lenormant, *Manuel de l'Histoire*, t. II, p. 418.

mente estas raças brancas, e combatendo o culto de Terra, e a personificação da força feminina, ligaram á *Serpente* um character tellurico, malevolo e em relação com a *Mulher*. No Christianismo ainda apparece esta tradição interpretada na Virgem esmagando com o pé a cabeça da Serpente.

Na Biblia, a lucta do bem e do mal está representada na *Serpente*, (Gen. III, 1) que incita a mulher á desobediencia; como se constituiu esta entidade do mal a par do Jehovah, e perturbando-lhe a sua obra, o Genesis não o declara, porém este vestigio basta para indicar como a revolta dos Rakachasas veio para a Judêa por via da mythologia persa. Na Persia, *Ahriman*, o princepe das trevas, luctava contra Oromazd com forças eguaes, e era representado sob a forma de *serpente*, e foi elle que introduziu todos os males no universo. Quem redigiu o Genesis estava debaixo da impressão do mytho persa e alludiu a elle sem o desenvolver. É tambem sob a forma da *Serpente* Migdar que o mal é representado na mythologia scandinava. A lucta entre a *posteridade da mulher* e a *serpente* confirma toda esta theogonia a que o Genesis não deu desenvolvimento. Em hebreu um dos nomes da serpente é

*Tzepha* ou *Tziphom*, que se deriva do nome de Thyphon, o genio do mal do Egypto, representado segundo Apollodoro com cauda de serpente. Os judeus, que nas epochas da escravidão acceitavam facilmente as religiões dos seus inimigos, caiam na idolatria; não podem ser considerados senão como syncretistas que assimilaram e confundiram. Nos Numeros (XXI, 9) a palavra *seraph* designa a serpente terrivel, e uma tradição recolhida em Calmet, diz: «que o nome de *seraphim* de uma das ordens mais gloriosas das intelligencias celestes, provinha de se tornarem visiveis em corpos luminosos e de fogo, que se assemelham a serpentes voadoras e ardentes.» (Dicc. bibl. vb.º Serpent.) Quando o auctor do Apocalypse aproximou o Christianismo da philosophia oriental alexandrina, a *Serpente* desempenhou uma acção mais vasta, mas mais artificial. Quando as heresias se esforçaram por aproximar os mythos christãos das suas fontes orientaes, os Ophites consideraram a *Serpente* sem o stigma da malignidade persa, revelando toda a sciencia como um Promotheu; que a serpente era Christo, que mais tarde baixou encarnando-se em Jesus. Os orthodoxos do seculo II consideraram estas opiniões desvairadas; mas a tradição religiosa le-

vava os Ophites para a forma primaria do mytho.

A substituição do culto da Terra pelo culto do fetiche Fogo, operou-se nas raças indigenas da India, á medida que ellas se confundiram com os Arias; porém esta confusão não se deu sómente pelo facto da superioridade do polytheismo árico, havia uma tendencia para essa transformação entre as tribus anáricas. As raças agricolas, dadas aos cultos telluricos, pela sua vida sedentaria e organização familista conservam o fogo do lar domestico com um certo numero de cerimoniaes fetichistas, posto que de uma importancia secundaria. Entre os povos turanianos e entre as varias nações da Europa existem muitas superstições em que o Fogo é um sêr vivo, que se venera como genio domestico, que se conserva acceso com certos ritos, a quem se offerece o primeiro pedaço da refeição, sobre que se não deve cuspir, que se renova com cerimoniaes especiaes, e que se transporta para a nova habitação; aqui o Fogo não é ainda um fetiche. Qualquer circumstancia, como a especialisação de uma industria, ou uma fusão de raça, pôde tornar o Fogo um fetiche importante, transformando-se no rudimento polytheista do culto solar; assim entre os

povos turanianos alguns entregavam-se exclusivamente á metalurgia, e entre esses o culto do Fogo devia prevalecer sobre o culto da Terra. De facto a persistencia do culto do Fogo entre os Parsis ou Guebros, deve attribuir-se á persistencia do elemento turaniano do magismo medo-persa. As raças áricas ao desmembrarem-se nas migrações indo-europêas adoravam o Fogo antes de se transformar no polytheismo solar; era o deus Agni, que se foi elevando de uma simples personificação a um mediador. Em todos os ramos indo-europeus o Fogo teve uma consagração familista, e n'elles persiste ainda um grande numero de superstições primitivas. No ramo iranico o culto do Fogo conservado entre o povo, explica-se não só pelo estado do culto na epoca da desmembração da raça, como pela mistura com elementos turanianos.

O culto do Fogo entre os semitas explica-se pela mistura com elementos turanianos dados á industria metalurgica; de facto algumas raças semiticas viviam do commercio dos metaes, o que demonstra a necessidade d'essas relações. D'aqui a facilidade dos Judeus em receberem nos seus cativeiros os dogmas zoroasticos e do magismo com que se elevaram ao jehovismo e ao ideal

messianico, tendo primeiramente abraçado os cultos babilonicos de Baal e de Moloch. O deus do Fogo tambem tinha entre alguns povos o sacrificio de victimas humanas. Na cosmogonia mongolica, o *Fogo sáe das entranhas da Terra*, quando ainda não estava separada do Céu. Uma vez confundidos os dois fetiches da Terra-Mãe e do Céu, o Fogo tendia a tornar-se um deus independente, e uma reprodução artificial do fogo celeste. Estavam n'este estado as raças áricas ao entrarem na India, e por isso foi facil assimilarem as raças indigenas, que chegaram a ter representantes nas familias sacerdotaes. Christna, o deus negro, das raças agricolas, representa a transformação do fetiche da Terra no fetiche do Fogo; este saía da terra, nascia sobre o altar de terra, do araní, e era a encarnação palpavel do fogo celeste, do Sol, o creador de tudo. Foi sobre estas especulações cultuaes que as raças indigenas da India deixaram o culto da Terra pelo do Fogo, ficando algumas apenas persistentes no seu fetichismo, como as tribus dos Khonds, e outras vivificando o chtonismo accadico com o siderismo árico, como vamos vêr no desenvolvimento de Mithra.

As divindades *femininas* planetarias da mythologia chaldeo-babylonica, Anât, Belit, e Dav-

kina, acham-se reduzidas a uma unica. Diz Lenormant, no livro da *Magia entre os Chaldeos*: «confundem-se umas com as outras, e na realidade reduzem-se a uma só, *Belit*, que as invocações ao cyclo dos grandes deuses mencionam quasi sempre com exclusão das outras duas. *Belit* é o principio feminino da natureza, a materia humida, passiva e fecunda, no seio da qual se produz a geração dos deuses e dos sêres. Uma inscripção de Sargon II, o Assyrico, diz «que ella tritura como massa os elementos do mundo». Suas principaes qualificações são «Deusa soberana, Senhora do abysmo inferior, Mãe dos Deuses, Rainha da Terra, Rainha da fecundidade.» Como a humidade primordial d'onde tudo saiu, ella é Tamti «o mar»; como deusa chthoniana e infernal, Allat ou Um-Uruck «a Mãe da cidade de Erech» a grande necropole da Chaldêa.» (1) O nome de *Belit* é a forma assyrica da antiga divindade accadica Nin-Ge, ou Nin-Gelal «a Senhora suprema;» importa bem precisar este facto para se conhecer perfeitamente que é um fetiche tellurico da grande raça turaniana, das civilisa-

(1) Ob. cit., p. 106.

ções accadicás da Asia Anterior; diz Lenormant no livro já citado: «A assimilação entre Nin-Ge e Belit faz-se melhor, quando se considera esta ultima sob a sua face chthoniana. Com effeito Mul-Ge e Nin-Ge, são, como os seus nomes indicam, o Senhor e a Senhora do Abyssmo inferior e das entranhas da crusta terrestre. As fórmulas d'Accad não os conhecem de outra forma. Umas vezes dá-se-lhe como uma segunda denominação de Nin-Ge, outras como appellativo de uma deusa distincta, o nome de Nin-ki-gal—a grande Senhora da terra—, identificada nas listas bilingues dos deuses á semítica Allat, a rainha dos infernos na religião chaldeo-babylonica. Este nome de Nin-ki-gal caracteriza uma personificação da Terra tomada na massa, da mesma sorte que Damkina era originariamente uma personificação da sua superficie, etc.» (1)

Uma vez conhecido pelos documentos accadicos como sob a influencia do principio *feminino* o fetiche da Terra se transformou no mytho de *Belit*, vejamos como esta deusa da Terra, absorve em si todas as outras divindades femininas, e como veiu a confundir-se com o mytho vedico e

(1) Ib. cit., p. 153.

persa de *Mithra*. Foi por esta ultima via que o fetiche da Terra se identificou com o Fogo, e pela influencia turaniana que o Fogo teve uma importancia exclusiva entre o magismo medico. Eis o quadro das transformações:

BELIT, <i>Divindade feminina</i> <i>e chthoniana:</i>	{	Milit ou Militha.. Mithra (persa)
		Allat..... Allah (arabe)
		Lilitta (judaica)
	}	Istar, ou Istarath. Asthoreth (phenicia)

Por este quadro se vê a confusão que os mythographos achavam no mytho de Mithra, representando sob a noção de principio *feminino* e *masculino*, o Fogo; Creuzer chegara a recorrer á subtilidade de considerar a forma *Mithras* como designação do principio masculino, e *Mithra* do principio feminino. Porém aqui não ha senão a confusão de dois nomes homophonos, que deu a confusão de attribuições; *Militta* é a designação da divindade feminina da Terra, entre o fetichismo turaniano, e *Mithra* é o nome árico do deus mediador e bemfeitor tal como se reproduz no character de Agni. Pode-se dizer que entre os persas o mytho de Mithras não teria mais desenvolvimento do que entre os Arias; e portanto que o seu

desenvolvimento foi devido ao syncretismo do feticchismo accadico, identificando este nome com o de Militta, na epoca da formação do magismo medico. Vamos esboçar rapidamente as transformações do mytho solar de *Mithra* segundo os modernos trabalhos sobre os Vedas e Avesta, e sobre os resultados adquiridos pelos assyriologos sobre as religiões chaldeo-babylonicas. Escrevo Lenormant, no seu *Ensaio de commentario dos Fragmentos cosmogonicos de Beroso*: «A concepção do personagem de *Mithra*, como uma fórmula do Sol, remonta ao fundo primitivo das ideias dos Aryas; nós o encontramos em um dos Adytias da mythologia védica, e é impossivel que os auctores da primeira reforma mazdeiana não o conhecessem. Mas é evidente que nada tinha no seu systema da importancia que recebeu nos livros mais recentes do zoroastrismo; era algum personagem secundario, inferior por ventura aos Amescha-çpentas; elle não era um deus collocado quasi na mesma linha que Ahura-masdâ, porque o mazdeismo na sua pureza primitiva só a este reconhecia o character divino supremo e completo. Rawlinson, (*The five great monarch.*, t. III, p. 360) observou com grande tino, que a introdução do culto de *Mithra* no culto publico deu-se simultaneamente

com o de Anâhita, e que os dous factos apresentam uma connexão historica, a que é preciso attender. Effectivamente a inscripção de Artaxerxes Mnemon, em Susa, é o primeiro documento official dos reis achmênides que mencionam deuses ao lado de Ahura-mazdâ, e estes deuses são *Anahita* e *Mithra*, reunidos e formando um grupo indivisivel. O estabelecimento legal das suas adorações na cathegoria suprema foi simultaneo e derivado da mesma fonte. Desde o tempo de Artaxerxes é que Xenophonte falla de Mithra, como de um dos principaes entre os deuses nacionaes da Persia.» (1) Á custa das crenças populares proto-medicas, é que o mytho de Mithra confundindo-se com Militta pôde reunir-se com o culto magico de Anahita; a obra tradicional foi reconhecida muito tarde, e é por isso que nas partes mais antigas do Avesta, nem se falla no nome de *Mithra*. Diz Lenormant: «De forma alguma se faz menção de Mithra, e sobretudo do seu papel de Mediador (pois que o nome é já nos Vedas uma das personificações solares) nas partes mais antigas da collecção do *Avesta*, isto é, nos hymnos chamados *Gâthas*. As analogias que acabamos de in-

(1) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 210.

dicar (sc. systema propriamente accadico sobre velho fundo árico) manifestam-se sobretudo nas partes da collecção que representam um desenvolvimento posterior do mazdeismo, e os eruditos são hoje unanimes em admittir que estas partes do *Avesta* pertencem a uma phase nova da religião da Persia, onde o seu espirito originario havia já sido immensamente modificado pela influencia do magismo medico. Este mesmo magismo, que permaneceu muito tempo em lucta com o mazdeismo orthodoxo, era o resultado de uma mistura de antigas tradições iranianas, expressas nos *Gâthas*, com doutrinas estrangeiras, as da religião propria á antiga população turaniana da Media, apparentada de perto com os Accads da Chaldêa. As ideias estrangeiras supplantavam no magismo as ideias iranianas. E no que se pode entrevêr dos seus dados fundamentaes segundo os testemunhos dos escriptores classicos, e seus cultos dos elementos e dos espiritos, junto á importancia que ahi tinham os ritos magicos, lembram rigorosamente a religião dos livros Accadicos. É portanto admissivel, que as analogias notadas se derivem de uma communidade originaria de doutrina assim como de raça, entre os Accads e o fundo turaniano da população da Me-

dia, antes do que de uma acção directa das crenças dos velhos habitantes da Chaldêa sobre o mazdeismo.» (1) O desenvolvimento do culto de Agni entre os arias do periodo vedico deve attribuir-se ao mesmo fundo de populações turanianas da India, como o desenvolvimento de Mithra se deve ás populações turanianas da Media; este mesmo influxo, devido á mesma causa, prova-nos que na epoca da desmembração dos iranianos, ainda as povoações indigenas da Asia não se haviam misturado com os Arias. O culto do Fogo entre os Arias tomou o seu pleno desenvolvimento, quando se confundiu com uma divindade terrestre das raças agricolas, e este grande phenomeno religioso o estudaremos no mytho syncretico de Christna, que como divindade solar morre como mediador e ressuscita, como contam as lendas purânicas. O culto do Fogo entre os Persas, desenvolve-se quando o simples nome qualificativo de Mithra se torna uma entidade solar pelo syncretismo homophono com a divindade feminina da Terra, *Militta* ou *Belit*. Por esta identificação é que se explica a noção nunca comprehendida de Herodoto, que definia Mithra como

(1) Ibid., p. 178.

uma divindade *feminina*. No mytho da creação do Fogo, entre os Arias, cabia uma parte essencial á nuvem, ou á humidade; é por isso que a concepção de Belit, como a humidade primordial d'onde tudo saíu, se podia identificar com o Fogo.

O mytho de Mithra, como solar, segue todos os desenvolvimentos épicos, que o Christianismo conservou na fôrma cultural; elle é a voz da verdade, o justo juiz, o mediador entre a humanidade e Ormuz, defendendo-a do captiveiro do mal. Mithra conserva o character de rei, como Christna e Christo, e como todas as divindades solares morre no vigor dos annos e ressuscita. O seu culto recebeu a fôrma do mysterio, em grutas, (presepio) usando a communhão e o baptismo. Os mysterios do Mithraismo foram recebidos pelos Judeus nos captiveiros da Assyria, e a influencia turaniana da Media conhece-se não só na parte iranica do Jehovismo, como na parte turanica das tradições populares de Lilitta. Pela Asia-Menor, isto é pelos pontos onde mais persistiu a raça turaniana, é que o culto de Mithra passa para Roma, preparando assim os caminhos para uma mais facil admissão da parte doutrinal com que o Christianismo entrou n'essa capital do mundo.

As doutrinas mystagogicas da Grecia alexandrina é que deram á noção mythriaca do Mediador o nome de *Christo*, que entre os judeus conservou a sua fórma persica, e alguns attributos mythicos, no nome de Messias.

O nome de *Messias*, (em hebraico *meschiah*) apparece na mythologia persa designando um genio bemfazejo, *Mesch*, que protege as regiões meridionaes contra os ataques de Ahriman. Se o Diabo christão é a reproducção do Devas com o character malevolo que lhe deu a Persia, e uma parodia de Ahriman, não admira que o seu antagonista *Mesch*, se tornasse tambem entre os judeus o *Meschiah*, o enviado para proteger a humanidade da culpa original provocada pelo espirito do Mal. De facto na mythologia persa encontra-se a creação de *Meschia* e de *Meschiane*, exactamente similhante á lenda de Adão e Eva; *Meschiane* é separada de *Meschia*, da mesma fórma que Eva da costella de Adão; vivem em um logar de delicias, na maior innocencia, e por sugestões de Ahriman accitam um vaso cheio de leite de cabra, e alguns fructos, ficando d'ahi em diante conhecedores da maldade e sujeitos á morte. A mythologia persa é um systema completo, sem interpretações ou intuitos moraes, e

por isso evidentemente mais antiga do que os fragmentos mal ligados e forçadamente interpretados da mythologia judaica; a lenda do Eden é considerada como de origem persa, e consequentemente o ideal messianico resulta do desenvolvimento do mytho anterior, pela confusão de Meschia com o genio benevolo *Mesch*.

Quando os padres catholicos procuram os similes do ideal messianico entre differentes povos, apontam entre os Samaritanos a tradição da vinda de um propheta para salvar a humanidade, a quem davam o nome de *Hathhab*; este nome, não comprehendido, recebe toda a luz aproximando-se do nome de *Abudad*, o touro da mythologia persa, cuja alma por pedido de Ormuz vem ao mundo salvar as criaturas. O culto do *bezerro* de ouro, entre os hebreus explica-nos a influencia medo-persa por onde veiu para os judeus a tradição messianica, que elles applicaram indistinctamente a Cyro, a Ezechias, a Esdras, a Agrippa II, a Vespasiano e outros. Isto prova que não era uma tradição de fundo nacional, e que só adquiriu um sentido extensivo e mystagogico com as especulações philosophicas. Ao mesmo tempo o elemento mythico do touro *Abudad*, dando um character solar á tradição messianica, facilitava a apropria-

ção do mytho do joven deus sacrificado, Mithra, com o Messias, que é annunciado por uma estrella aos Magos medo-persas; e nas tradições populares lá se conserva o *touro* junto do presepio, bem como entre as superstições dos primeiros seculos da egreja existia o baptismo *taurobolo*, isto é por meio do sangue do touro. (1)

Alfredo Maury, caracterizando as circumstanças que diferenciaram o naturalismo árico entre os dois ramos aryanos e iranianos, reconhece os elementos medo-persas sobre que se constituiu o Christianismo: «Emquanto para além do Indus o pantheismo naturalista era substituido por uma theogonia complexa que tendia para a idolatria, na Persia este pantheismo despojava-se gradual-

(1) No mytho de Christna, quando este culto estava em conflicto com o culto de Indra, e como vencido é no Rig-Veda equiparado a um demonio; Christna é filho não do *touro* ou o symbolo do bem, mas do bufalo, na qualidade de animal selvagem personificação do Mal. (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. 1, p. 82.) O logar do boi no presepio de Christo, e as festas populares do *boi bento* ou do *boi-gordo*, correspondem ao processo de uma deificação analoga á que tornou Christna o deus das vacas, em *govinda* ou o pastor por excellencia. (Ibid.)

mente do que tinha de mais material e transformava-se em um dualismo, que continha em germen muito dos principios que o Christianismo consagrou.» (1) O desenvolvimento do principio dualista não resulta de uma elaboração espontanea do genio abstracto dos povos iranicos, mas sim da assimilação das doutrinas do magismo proto-medico das raças turanianas com que se fusionaram; é isto o que se demonstra com toda a clareza, estudando a origem secundaria de Mithra nos Vedas, e a sua transformação fundamental como um mediador de Ormuz, sacrificando-se pela salvação da humanidade.

Hoje que existem bellas traducções do *Avesta*, onde se encerra toda a mythologia iranica, ali se acham, na sua fórma a mais primordial, os mythos do Eden e do Diluvio, que os judeus copiaram inconscientemente, e por isso substituíram o character *cosmico*, não comprehendido, por uma interpretação *moral*; dogmas organicos do Christianismo, como a theoria das penas e recompensas, como a remissão da culpa pelo sacrificio, como a tentação demoniaca e a intervenção protectora dos Anjos, tudo isto se deriva das dou-

(1) *Legendes et Croyances de l'Antiquité*, p. 159.

trinas theologicas da Persia, sobretudo quando tomaram uma tendencia exclusiva de mysticismo, e que esse mysticismo penetrou na synagoga judaica. Alguns escriptores catholicos, como Lenormant e Arlez, este ultimo padre e traductor do *Avesta*, abstráem systematicamente das relações de successão chronologica e do criterio da evolução psychologica da humanidade, para considerarem estas fontes do monotheismo judaico e principalmente do Christianismo, como manifestações secundarias e pervertidas de uma revelação primordial dos mysterios christãos ao homem, revelação de que só o judeu conservou a tradição pura! Que esforços de imaginação para falsificar a corrente da connexão historica! Tal é o typo do criterio catholico, que até á moderna disciplina scientifica serviu de guia á razão para estudar a natureza, o passado humano, e dirigir a marcha das sociedades na sua politica, na sua moral e na sua industria.

A passagem do Christianismo, nos seus elementos primarios, da Asia para a Europa, foi a continuação de um grande phenomeno historico, que começara a operar-se seis seculos antes, e em virtude do qual a religião hellenica nos seus mythos e fórmulas cultuaes se transformara pela

influencia dos cultos orgiasticos syro-phenicios. Esta influencia motivada por um maior desenvolvimento de relações commerciaes, e pelo contacto de novas colonias, revelou-se por modos diversos, por uma corrente de mysticismo popular de cultos secretos e domesticos propagados pela devoção feminina, e pela iniciação de doutrinas esotericas que as escholas orphicas adaptaram á velha theogonia de Hesiodo. Esta corrente religiosa chegou até Roma alguns seculos antes do Christianismo; de sorte que a Grecia se tornou o centro de elaboração dogmatica da nova religião, como se vê pelos livros dos proprios padres da Igreja, e Roma achou-se, pela vulgarisação do mithraismo e da moral estoica, com as condições de facil adhesão ao proselytismo evangelico. Era em Roma, então dominadora do mundo, que existiam as condições de universalidade (catholicidade) para a propaganda evangelica, e portanto ahi é que essa doença mystica do dogma da expiação podia desenvolver-se e organizar-se em uma associação disciplinada e propagandista, — a Igreja. Por este simples elenco de successão historica se vê que o Christianismo não foi um facto novo de uma phase de elaboração moral, mas sim um resultado tardio, e por isso mal

comprehendido, de una corrente mystica de cultos orgiasticos e proselyticos da Asia anterior, que desde sete seculos se syncretisavam com os cultos hellenicos; que o Christianismo veiu interromper a propagação das sciencias da Grecia, desviando a actividade mental da civilisação greco-romana para uma passividade mystica, que produziu a esterilidade da Europa até á Renascença. Um outro facto importante se deduz d'esta evolução historica: o polytheismo greco-romano não foi supplantado pelo Christianismo pelo estado de decadencia d'esse polytheismo; o Christianismo serviu-se de todos os symbolos materiaes d'esse polytheismo das populações áricas da Europa, para se introduzir na corrente dos costumes do Occidente, e o proprio polytheismo greco-romano já se havia alterado pela confusão com os cultos asiaticos syro-phenicios, phrygio-hellenicos e medo-persas, a ponto de se tornarem religiões proselyticas tão hallucinadoras como a religião do crucificado. Desconhecer estas relações tão evidentes de connexão historica, é impôr o Christianismo como um facto maravilhoso ou divino, quando elle não foi mais do que uma seita orgiastica, como a dos pythagoricos, dos essenios, dos therapeutas, e dos orphicos, mas que pelos seus

maiores absurdos se tornou perseguida adquirindo por esse modo o fervor proselytico, que fez reviver as anteriores tendencias orgiasticas.

A historia do apparecimento e propagação do Christianismo no Occidente, e a sua persistencia entre as raças áricas da Europa, deve ser precedida por dois trabalhos prévios: 1.º da historia das transformações dos cultos hellenicos pelo syncretismo com os cultos sensuaes e femininos da Asia Menor; 2.º da historia da introdução d'esses mesmos cultos em Roma, principalmente do Mithraismo.

São dous estadios de uma revolução moral que se passava no mundo, desde sete seculos, revolução natural proveniente do contacto de duas civilisações que se encontraram em frente uma da outra, a árica com a semita. Em quanto á parte material, as raças semiticas foram vencidas pelos povos áricos, como vêmos o Grego supplantando o Phenicio, e o Romano extinguindo o Carthaginez; porém em quanto á parte moral, a civilisação vencida communicou-nos o seu virus mystico.

Para historiar as transformações do polytheismo hellenico pela acção do erethismo sensual dos cultos orgiasticos da Asia, não iremos procurar nos mythos gregos senão aquelles que prepara-

ram a criação do mytho de um deus que se sacrificava, que morre e ressuscita, taes como o de Atys, de Adonis, ou de Zagreus. Alfred Maury, na *Historia das Religiões da Grecia antiga*, estuda este problema em toda a sua extensão, provando como entre os gregos já existia uma tendencia para a adopção de divindades e ritos estrangeiros, e explicando as causas historicas que determinaram em uma dada epoca a introdução dos mythos e ideias religiosas da Asia anterior e Menor na religião hellenica. Servir-nos-hemos dos factos accumulados por este digno homem de sciencia, para vêmos como se deu essa elaboração psychologica que precedeu e até certo ponto foi uma das causas do apparecimento do Christianismo na historia. Diz Maury: «Um movimento continuo levou da Europa para a Asia e da Asia para a Europa certos cultos e certos deuses. Ope-rou-se uma troca incessante entre as Religiões da Asia Menor e as da Grecia, e seria impossivel determinar uma data precisa á epoca em que a Grecia começou a sentir a influencia religiosa das regiões visinhas.» (1) Maury determina essa epoca

(1) *Hist. des Religions de la Grèce antique*, t. III, cap. 15, pag. 66.

aproximadamente, fixando-a entre o seculo VII e VI anterior á nossa éra, mas pelas palavras que deixamos transcriptas comprehende-se que existiu uma influencia mais antiga, influencia que póde determinar-se na acção da cultura phenicia sobre os povos primitivos da Grecia, e especialmente pelas origens semiticas das tradições e mythos epicos do cyclo troyano, como o tem descoberto os modernos trabalhos allemães. Estes factos importantes é que explicam a tendencia e facilidade dos gregos em receberem os cultos orgiasticos da Asia anterior ou semitica, tendencia que se tornou um facto de transformação religiosa, quando as colonias gregas e as relações commerciaes estabeleceram um maior contacto com a Asia Menor, onde os cultos orgiasticos estavam em um maior estado de rudeza primitiva na Thracia, na Phrygia, e por onde as raças medo-persas passavam para a Europa.

Maury, analysando esta segunda epoca de transformação religiosa, diz: «Tudo o que se póde afirmar, é, que foi a partir dos seculos VII e VI antes da nossa éra, que os empréstimos feitos pela Europa á Asia se tornaram de mais em mais frequentes. O desenvolvimento das relações commerciaes poz em trato habitual os povos das mar-

gens oppostas do Mediterraneo. As colonias, que os Dorios, Eolios e Jonios haviam mandado para o litoral da Asia Menor, entretinham com a mãe patria relações, em virtude das quaes a religião, bem como a politica, recebiam a influencia.» (1) O naturalismo hellenico, pelo seu vago antropomorphismo, prestava-se á facil confusão não só com os cultos fetichistas dos Genios dos povos turanianos, como á identificação com os Deuses de attributos sexuaes dos cultos semitas; sobre este ponto, accrescenta Alfred Maury: «E na religião grega não havendo cousa nitidamente definida, as concepções divinas tinham uma fôrma incerta, e recebendo numerosos aspectos, os deuses podiam facilmente conformar-se com a physionomia asiatica. Foi o que aconteceu, sobretudo na Lydia, na Caria, na Lycia e na Mysia; a ponto de, bastantes vezes, quasi que se não póde distinguir na legenda e no culto attribuido ás divindades gregas o que foi trazido dos paizes hellenicos e o que o genio asiatico n'elles introduziu.» (2)

Perrot descreve com palavras eloquentes o ca-

(1) Op.cit., p. 67.

(2) Id., ibidem, 67.

racter das religiões orgiasticas da Syria e da Asia Menor, tal como se conserva nos cultos femininos e na morte prematura do joven deus:

«O que se adorava em Paphos como em Byblos era a energia mortifera e fecunda da natureza sempre occupada em destruir e em criar, em reparar pela união dos sexos e por uma eterna gestação as perdas que a morte impõe á vida. Ás peripecias d'este drama sem desfecho, que recomeça sempre para nunca acabar, a ellas se associam as almas com uma sinceridade de sympathia e uma sensibilidade apaixonada, que hoje nos custa a comprehender. No inverno ellas se entristeciam com o esmaecimento e desolação da natureza, choravam a morte de Adonis, do joven deus solar que a preza do monstro arrebatara d'este mundo de que era o encanto lançando-o na cova; mas uma vez vinda a primavera, nos primeiros dias de Abril, ellas exultavam com transportes mais vivos ainda e mais desenfreados, com gritos de jubilo, em dansas, em cantos, em ruidosas orgias; celebravam o sol que despertara, bem como o amor que circulava de novo nas veias de tudo o que tem vida. Uma das praticas que caracterisam melhor as religiões syriacas, as prostituições sagradas, tinham seu logar como de

ante-mão indicado em um culto semelhante. As *hierodulas* de Paphos não eram menos famosas do que as de Corintho, que tambem, em tempos remotos, soffrera a acção das ideias e recebera a tradição dos cultos da Syria.» (1)

Em Corintho as *servas da persuasão*, dedicavam-se ao culto orgiastico, e usavam uma mitra analogá á que usam as freiras christãs; o pombo que ellas tinham na mão como symbolo da fecundidade, pela sua analogia phalica, conservou-se no Christianismo no Espirito Santo, que vivifica. No apostolado christão, como provou David Ferrières as agapitas eram consagradas ao goso dos que iam de terra em terra prégando a boa nova; e segundo a noção conservada por Origenes na Homilia sobre Jeremias, o *Espirito Santo* era considerado como a *Mãe* de Jesus, o que leva a comprehender a sua relação com o symbolo phalico da pomba.

Assim como no culto da Terra era o *macho* que se sacrificava para tornar propicia a divindade, em uma nova phase social em que prepon-

(1) George Perrot, *Elementos phenicios da civilisação grega*, ap. Rev. des Deux Mondes, 1879, t. xxxiii, p. 381.

derava o regimen do patriarchato, a *mulher* é escolhida para o sacrificio funebre na morte do heroe ou do chefe. Entre os povos selvagens, é geral este costume de se sacrificarem todas as *mulheres* que pertenciam ao guerreiro junto do seu cadaver; este costume transmittiu-se aos povos áricos, como vêmos pela *suty*, ou a joven viuva que se sacrifica espontaneamente junto do marido, como no mytho de Brunhild, que se lança á fogueira de seu esposo Sigurd; dos Vendes diz S. Bonifacio, «que o amor conjugal é tão venerado, que é estimadissima a mulher que se mata pelas suas mãos para que possa ser queimada sobre a fogueira do seu senhor.» (1) Na morte do joven-Deus, dos mythos solares, como Thamuz ou Athys, são as *mulheres* que o choram pelos montes, que se dilaceram, ou despedaçam todas aquellas pessoas que encontram. São as *mulheres*, as filhas de Jerusalem que pranteam a paixão de Jesus; e os jovens-Deuses descem ao seio da Terra-Mãe para trazerem comsigo as mulheres, as forças immanentes que lhe faltam: assim Baccho vae buscar *Semele*, Orpheu vae á procura de *Eurydice*, Hercules vae agarrar o Cerbero, Ulysses

(1) Apud Tylor, *Civil. prim.*, t. 1, p. 540.

vae apoderar-se das *Trevas* cimmerias, e Christo vae combater as trevas do Limbo, para trazer as almas dos patriarchas. Os Padres da Egreja seguiram inconscientemente esta antiga orientação mythica, em que a mulher era sacrificada, em que, como na lenda de Eva, era a introductora do mal no mundo, *felix culpa*, motivo da morte do joven-Deus, que vem resgatar a *Alma* ou a *Psyche* das trevas do peccado. (1)

A *emasculação*, tão celebrada de Origenes, quando se compara com o rito dos sacerdotes de Cybele que no seu furor orgiastico se castravam, uso que o rei Abgare chegou a prohibir nos seus estados, e se vê este mesmo rito dos cultos da Asia Menor reproduzir-se na seita russa dos Scoptizi, (2) comprehende-se como é que na historia do Christianismo, este facto apparentemente ac-

(1) Sobre este syncretismo escreve Havet: «O jogo do acaso converteu estas fabulas da Asia em outros tantos artigos de fé, que reinam ainda no Occidente, ao passo que uma multidão de homens que os accitam com submissão crêem e repetem que o Christianismo destruiu a Mythologia.» *Le Christianisme et ses Origines*, t. 1, p. 25.

(2) Alfred Maury, *Religions de la Grèce antique*, III, 86.

cidental é uma consequencia da sua reproducção dos cultos orgiasticos syro-phenicios. O voto de castidade perpetua entre os homens foi uma forma de adopção moral da emasculação dos Galles; o voto da mulher e a sua reunião claustral foi a forma da instituição das vestaes nos diferentes cultos do fetiche Terra. A cruz, n'este caso, tem o mesmo symbolismo phalico que o *archigalle* dos sacerdotes de Cybele. (1)

As analogias do mytho christão são frequentes com todos os cultos expiatorios syro-phenicios; o que se dá com o culto de Atys, dá-se tambem com o de Adonis, cujos sacerdotes tambem praticam a emasculação. Como Christo, Adonis morre e ressuscita, e é chorado pelas santas mulheres. Sobre a paixão de Adonis não podemos deixar de transcrever as palavras de Alfred Maury, fundamentadas sobre as observações de Otto Iahn: «Esta solemnidade (a paixão de Adonis, em Byblos,) que alentava poderosamente o sentimento religioso, parece ter tido alguma analogia com os usos que se praticam na Igreja catholica na sexta-feira santa; ali tambem se festeja a morte e a resurreição de um deus. A dor

(1) Ib., p. 221.

de Astarte era apresentada quasi sob os mesmos traços que a da Virgem em presença do cadaver de seu divino filho, e os gregos, substituindo Venus a Astarte, collocavam sobre o seu seio o deus expirando, em composições que lembram a *Pietà christã*.» Por um certo numero de superstições populares no proprio Christianismo, por ceremonias não comprehendidas do culto tradicional, e em grande parte pela iconographia, é que se recompõem todos os elementos historicos que entraram n'esta religião syncretica, que radicou nas raças tão progressivas da Europa a atrophiamental das religiões orgiasticas da civilisação syro-phenicia. (1)

(1) No culto de Adonis encontra-se um uso que se conserva em Portugal, que consiste em fazer germinar trigo em agua em pires, que ornãm o presepio, e tambem pela paschoa. Transcrevemos aqui as palavras de Maury: «Durante esta noite solemne, em que se suppõe que Adonis perde a vida, semeia-se em potes de barro, ou em açafates plantas de facil germinação, e sobretudo a leituga, que figura na lenda do Deus e sobre a qual se diz que morrera, ou tambem feno, cevada e trigo; é ao que se chamava *jardins de Adonis*. Estes vasos ou cestos eram collocados nos tectos das casas, ao lado de pequenas figuras de cera ou de barro representando o deus.

A epoca da propagação do culto de Mithra em Roma, fixa-se, segundo Plutarcho, na *Vida de Pompeio*, no anno 68 antes da éra moderna; haviam sido trazidos os mysterios mithriacos pelos piratas cicilianos. Os escriptores latinos consideraram Mithra como uma divindade solar; tal era a opinião de Quinto Curcio, fundado sobre a comprehensão da crença vulgar. Diz Maury: «Explica-se, que passando para a Europa, o culto d'esta divindade tomasse o character de uma reli-

O calor do sol augmentado pela reverberação, fazia promptamente germinar estes cereaes, estas plantas herba-ceas destinadas a representar symbolicamente a vinda da vegetação, mas cuja existencia ephemera se tornava proverbial. Quando as plantas haviam brotado, e que começavam a verdejar, festejava-se a volta dos dias quentes, ou da ressurreição do deus.» (*Hist. des Rel. de la Grèce antique*, III, 222.)—Evidentemente, nos costumes domesticos portuguezes se conserva a tradição dos *Jardins de Adonis*, e como estes são milhares os paradigmas cultuaes por onde se vê a natureza de um mytho solar transparendo através da forçada evhemerisação de Christo. O mytho de Adonis tambem chegou a ser evhemerisado na Grecia, e para este processo que tende a dar realidade historica ao mytho podemos considerar as lendas ou fórmias epicas como um gráo espontaneo.

gião heliaca, e se confundisse aqui com o das divindades solares da Grecia e da Phrygia. Foi assim desfigurado que no primeiro seculo da éra christã era este deus adorado no Ponto e em outras provincias da Asia Menor.» E fallando das condições especiaes que determinaram a sua propagação em Roma, continúa Maury: «Para os soldados romanos, que abraçaram com ardor uma devoção que se dirigia a uma divindade sempre victoriosa, Mithra tornou-se pura e simplesmente o Sol. As numerosas inscrições latinas consagradas a este deus persa o authenticam. *Deo Sole invicto Mithrae*, é a fórmula constantemente empregada.» (1) Importa deixar bem accentuado o fervor contagioso d'este culto, cujas fórmulas o Christianismo conservou apropriando-se d'ellas para entrar na corrente proselytica, e continuar a transformação do polytheismo greco-romano; mas estas relações mithriacas eram tão importantes, que depois de constituido o Christianismo teve de condemnar como heresias as opiniões dos Manicheos, que tiravam as consequencias da doutrina. Pode-se dizer que foi apropriando-se dos mysterios mithriacos, em cujo culto se syncreti-

(1) *Croyances et Legendes*, p. 171.

savam ideias egypcias, syriacas e phrygias, que o Christianismo, apenas doutrina de moral mystica de eschola ou seita particular, alcançou essa tendencia proselityca a que chamou *evangelisação*. Fallando da propagação do culto de Mithra, sobre que se enxertou o Christianismo, prosegue Alfred Maury: «Já dissemos, que foi pelo anno de 68 antes de J. C. que os mysterios de Mithra começaram a ser conhecidos no mundo greco-latino; ahi alcançaram um prodigioso successo, e contaram milhares de adeptos. O polytheismo antigo procurava alentar os membros frios ao fóco ainda ardente das crenças orientaes. Mithra era adorado não sómente na Persia, mas na Armenia, na Cappadocia, onde já se fazia sentir poderosamente a influencia romana. O rei Tiridates, tendo chegado a Roma para se fazer coroar, dizia a Nero, que elle o vinha implorar como a um outro Mithra. Durante mais de dois seculos era crescente o fervor de ir fazer devoções ao deus persa, objecto dos sarcasmos de Luciano. E no tempo de Hadriano, o seu culto era tão popular, que um escriptor grego, Pallas, compoz sobre este assumpto um tratado especial, de que Porphyrio nos dá conhecimento. Já fallei do grande numero de monumentos mithriacos, baixos-relevos, e inscrições,

que têm sido descobertos e se conservam nos museus.— Conservando o seu caracter exotico, Mithra tomou logar no pantheon greco-latino, ou para melhor dizer, n'este pantheon cosmopolita tornado a religião do imperio, nos ultimos seculos do paganismo. Os escriptores d'esta epoca fazem constantemente allusões ao seu culto, como a uma cousa universalmente conhecida.» (1)

O culto de Mithra propagou-se por todo o dominio do imperio romano, nas Gallias, na Hespanha e na Bretanha. Nas inscrições latinas de Portugal e Hespanha colligidas por Hubner, da academia de Berlim, acha-se com frequencia o nome de Mithra em lapides votivas. Sobre a sua extensão escreve Dupuis, fallando de um monumento mithriaco da Gram Bretanha: «O auctor inglez, que fez uma dissertação sobre este monumento, particularisa os traços que podem estabelecer as relações que existem entre as festas do nascimento de Christo e as do nascimento de Mithra. — Elle nota com razão que o culto mithriaco estava bastante propagado em todo o imperio romano, sobre tudo na Gallia e na Gram

(1) Ib., p. 179.

Bretanha.» (1) Bellos trabalhos modernos existem sobre o culto de Mithra, e por elles se póde vêr a sua persistencia nas superstições populares; o proselitismo tão rapido da religião christã na Europa, em uma epoca de violencia moral, como a da decadencia do Imperio, não se daria tão facilmente se não existisse essa preparação mithriaca, que os padres da Egreja conheceram, e cuja conformidade com os mysterios christãos explicavam por uma parodia maligna feita pelo Diabo.

Como Christo, Mithra apparece na sua allegorisação luminosa, como uma personificação da verdade e principalmente como um *Mediador* entre Deus e o homem, *Mesites*, como lhe chamava o auctor do Tratado de Isis e Osiris. Como deus luminoso combate as trevas, os *Daevas*, que os persas desenvolveram com character maligno, e que os christãos acceitaram como o *Diabo*. O dogma dualista do Mithraismo entrou no christianismo sendo base de uma moral phantastica, de *homo duplex*, na lucta da alma com o corpo, lucta que tomou as fórmas do ascetismo e da penitencia ou mortificação systematica. Nas lendas christãs,

(1) *Abregé de l'Origine de tous les Cultes*, p. 277. (Ed. 1834).

como o Evangelho de Nicodemus, a descida de Christo aos infernos, ou logar das trevas, provém tambem do character mithriaco imposto pela corrente popular, que accetava o novo culto como uma fórma mais clara dos mysterios orgiasticos.

Apesar do deus Mithra ser uma personificação da luz que combate as trevas, os crentes medo-persas não deixaram de *evhemerisal-o*, considerando-o como um homem, que effectivamente existira; diz Maury: «Mithra era conhecido sob uma fórma bastante humana, para que os Persas não fossem levados a figural-o como um sêr terrestre, e a transformar a sua historia symbolica em uma legenda em que o antropomorphismo tomou um logar de cada vez mais importante. As religiões antigas nos fornecem constantemente factos analogos.» (1) Adonis, deus solar, tambem modificado nas fórmas do seu sacrificio pelos cultos asiaticos communicados á Grecia através da Phrygia, tambem foi *evhemerisado*, considerado como um personagem tendo historicamente existido; o mesmo se dá com Buddha. Porque é que Christo, desenvolvido pelo syncretismo d'estes diversos cultos solares e proselyticos hade escapar

(1) *Croyances et Legendes*, p. 174.

a uma lei geral d'esta phase mystica das religiões? a conversão dos elementos mythicos em uma personalidade historica é uma consequencia natural. (1) Portanto a sua realidade só podia ser admittida como historica até ao tempo em que as leis da imaginação humana eram desconhecidas. Só pertence á historia a phase de propagação de um culto expiatorio que em Roma e nas conquistas romanas se enxertou sobre o mithraismo; o typo mythico, que se personifica com o nome de Christo, dissolve-se nos elementos poeticos pelo processo historico comparativo inaugurado pela sciencia das religiões. A divinisação evhemerista de Christo corresponde a um estado moral dos primeiros christãos; o que ellas fizeram a Christo, fizeram a todos os deuses do polytheismo grecolatino, criticando-os como homens que historicamente existiram, e criticando os seus attributos como actos praticados. (2)

(1) Um historiador armenio, Eliseu, conservou a tradição de que Mithra era filho de uma mulher, e de sangue real. Ap. Maury, *ib.*, p. 176.

(2) Este estado de espirito é o que predomina em todos os padres da Egreja, e foi pelo lado *immoral* que combateram o polytheismo.

A phrase evangelica «*super hanc petram edificabo ecclesiam meam*» é um desenvolvimento da lenda mithriaca, em que o Deus mediador *nasce de uma pedra*, ou em uma caverna. Diz Maury: «Reconhece-se que Mithra nasceu de um rochedo, ou para melhor dizer, que veio á luz em uma anfractuosidade ou gruta, como o Christo, no dizer de um antiga tradição conservada por Sam Justino. (*Dial. com Tryphon*, c. 70.) Esta lenda liga-se a um conjuncto de symbolos conhecidos dos primeiros christãos e bem assim dos Persas; provam-no estas palavras de Commodiano, poeta christão do terceiro seculo, em uma das suas instrucções: *Invictus de petra natus, si Deus habetur, nunc ergo retro vos de istis date priorem vicit petra Deum, quærendus est petrae creator.*—Nascido da pedra, é um epitheto que pertence a Mithra. É no fundo de uma gruta que se celebrava, em memoria do seu nascimento mystico, os mysterios d'este deus. N'esta gruta ardia o fogo, que era o seu emblema. Esta gruta figura sempre nos baixos relevos mithriacos, e é mencionada por uma multidão de escriptores.» (1) A arte christã conservou a tradição d'este character mithriaco no

(1) *Croyances et Legendes*, p. 174.

*presepio* onde nasce Jesus Christo em circumstancias bastante characteristics de um deus solar, como a 8 antes das kalendas de janeiro, isto é, a 25 de dezembro, quando os romanos celebravam os jogos de circo ao *natalis invicti*, epitheto do deus Mithra, no solsticio do inverno. O valor mythico da caverna mythriaca não deixou de influir na formação das Catacumbas de Roma, e ao mesmo tempo na sua adaptação como templo aos primeiros crentes, que ahi celebravam os seus banquetes *agapicos*, semelhantes aos banquetes dados pelo chefe dos Mobeds na festa de Mithra. As crenças populares conservaram a tradição da caverna, e no *Evangelho de Nicodemus* Christo depois da sua resurreição desce ao limbo, combatendo as trevas; e em varios pontos da Europa as grutas foram adoradas, chegando algumas, como a *Caverna de Sam Patricio*, a representarem a resurreição moral pela penitencia dos que ali entravam.

A poesia moderna inspirou-se do syncretismo d'estas tradições inconscientes do povo e compoz essas visões da baixa idade media das descendidas ao inferno, taes como se descrevem na *Visão de Tundal*, e n'esse cyclo immenso de descenções á caverna escura que precedeu o traba-

lho litterario de Dante na *Divina Comedia*. O boi do presepio, apparece tambem na caverna de Mithra, porque segundo os mythos áricos os bois ou vaccas são o emblema da luz do dia. Os primeiros padres da Egreja interpretavam as representações mythicas á letra, e como Fimico Materno, faziam de Mithra um deus de ladrões; e Christo seguiu tambem esta interpretação lendaria sendo crucificado entre dous ladrões.

O *rochedo mithriaco* apparece tantas vezes nos monumentos das catacumbas como symbolo christão, que é impossivel desconhecer as relações entre estes dois cultos; servir-nos-hemos das descobertas de Rossi, vulgarisadas no resumo de Northcote: em um fresco pintado por cima de um arcosolium no cemiterio de Callisto, existe ao lado da figura do Bom Pastor, entre duas outras figuras «*um rochedo, o verdadeiro rochedo do deserto.*» (1) Os criticos confirmam o emprego d'este symbolo artistico com as palavras de Sam Paulo: «*e a pedra era Christo.*» (Epist. I aos Corinthios,

(1) *Rome souterraine*, p. 309. Trad. Allard.

cap. x, v. 4). (1) Uma figura ferindo um *rochedo* com uma vara, assumpto frequentissimo na arte das catacumbas, tem sido interpretada aproximando-a da tradição de Moysés ferindo a rocha de que brota agua; porém sabendo-se como a igreja primitiva e a synagoga se odiavam, não se justifica a reproducção allegorica de uma tradição judaica. Na parte iconographica dos primeiros seculos da igreja é que se acham na sua maior espontaneidade os *symbolos populares* do Christianismo, por onde se descobre um *fundo tradicional aryano* que prevaleceu na religião nova, que até ao IV seculo propagou os *mythos* da *Natividade* antes das representações morphi-cas da *Paixão*. Em uma transfiguração representada no mosaico de Santo Apollinario de Ravena, do seculo VI, Christo está figurado pela cruz (o *arani* que produz *Agni*) tendo a seu lado *Helias* e *Moysés*; a interpretação d'estes symbolos é puramente aryana, como o demonstra Emilio Bur-nouf: «Que *Helias* representa o sol é difficil de o pôr em duvida, quando se vê na Igreja do

(1) Servimo-nos da traducção do P.<sup>e</sup> Ferreira de Almeida.

Oriente os templos de *Helios*, nos cumes das montanhas, substituidos por capellas de Santo Helias, e a lucta d'este com o demonio macaqueada da lucta natural do sol nascente e da noite.» (1) Em alguns outros monumentos com os mesmos symbolos o nome de *Helias* acha-se na fórma latina de *Sol*, como acontece com o nome latino *Luna* que substitue *Moysés*, (segundo Burnouf, *Moses*, do sanskrito *Mâsa*) o que concorda com as tradições vedicas de Agni transfigurando-se sobre o altar e eclipsando o sol e a lua. Em um capitulo especial trataremos d'este elemento popular arya-no até hoje confundido com os symbolos e doutrinas medo-persas, apesar de provirem ambos de uma fonte commum, diferenciados no meio semitico. Os padres da Egreja explicando o symbolo do *rochedo*, que pertencia ao mithraismo, o qual tinha a iniciação do baptismo, bem procuram encobrir as relações do Christianismo com allegorias biblicas; Tertuliano diz da agua do baptismo «*quæ defluit de petra*» (*De baptismo*, 9), e Sam Cypriano, fallando da agua que sae da pedra, commenta: «*nós vemos aí o Christo, que é o roche-*

(1) *Science des Religions*, p. 250.

do, ferido de um golpe de lança na sua paixão.» (Ep., LXIII) (1)

Uma vez admittido no symbolismo christão o *rochedo* mithriaco, a imaginação personificou-o, e fez Pedro, o apóstolo depositario do poder de Christo: «*Petrus tu es petra.*» Diz Gubernatis, (na *Mythologie zoologique*, II, 373): «o máo calembourg greco-latino em relação com o peixe, que fez Christo sobre as palavras *petrus* e *petra*, é uma outra circumstancia mythica que me transporta ao mundo aryano e me afasta do meio semitico e da fé pueril na authenticidade judaica da legenda evangelica.» Prudencio equipára Pedro a um novo Moysés; no fundo de uma taça achada nas catacumbas, e hoje no museu do Vaticano, vê-se uma figura tocando o rochedo, tendo no alto em letras *Petrus*. (2) Estes monumentos artisticos nos explicam o processo da personificação da *pedra* mithriaca e phalica (3) no primeiro chefe da Igreja.

(1) *Rome souterraine*, p. 320.

(2) *Ibid.*, p. 364, fig. 39.

(3) Uma cantiga popular portugueza, diz na sua inconsciencia tradicional:

Nas catacumbas os vestígios mithriacos apparecem inconscientemente nas fórmas da arte christã. Na representação dos tres hebreus que não querem adorar o idolo de Nabuchodonosor, elles estão pintados «usando a *tiara phrygia*, a tunica, as calças ou saraballi, como os sectarios

Tres voltas dei ao *penedo*  
 Para namorar José;  
 Namorei-o em tres dias,  
 Valeu-me a mim dar ao pé.

O culto das *pedras phalicas*, das raças ante-historicas da Europa, apparece aqui, na ideia de casamento ligado á de uma dança em volta do penedo ou menhirs. Gerard Riale cita os trabalhos de Piette e de Lacaze sobre «as superstições relativas aos monumentos megalthicos nas regiões pyrenneanas, em que as *rochas phalicas* conservaram toda a confiança dos aldeãos: tal é a pedra de Pourbeau, á sombra da qual as uniões entre rapazes e raparigas se concluem antes de se apresentarem ao maire ou ao cura, em volta da qual se dansava na noite de terça-feira gorda em uma dança obscena; tal é tambem o menhir do Bourg-d'Ouvil, que as mulheres abraçam e tocam de um certo modo para serem fecundas.» (1) Na cantiga portugueza allude-se á dança em volta do *penedo*, e esta dança era acompanhada de canto,

(1) *Mythologie comparée*, 1, 173.

de Mithra ou outros orientaes;» (1) a adoração dos tres Magos tantas vezes pintada e esculpida nas catacumbas, é um assumpto de intima conexão com o mithraismo. Os adoradores de Mithra tambem precederam os christãos no uso de hypogeos, e Raul Rochette e Bottari chegaram a confundir, apesar do seu immenso saber tecnico, os hypogeos mithriacos com catacumbas christãs, (2) como o provou Garrucci. Os proprios archeologos christãos reconhecem nos assumptos tratados na arte das catacumbas themes contra-

como se pode inferir pelo vestigio primitivo conservado por Gil Vicente, e que no seculo xvi estava já transformado em um jogo popular:

No penedo, João Preto,  
E no penedo.

Quaes foram os perros,  
Que mataram os lobos,  
Que comiam as cabras,  
Que roeram o bacello,  
Que puzera João Preto  
No penedo? (*Obr.*, t. II, 448.)

(1) *Rome souterraine*, p. 319.

(2) *Ibid.*, p. 262.

rios aos dogmas, como elles depois se fixaram: «os pintores christãos esqueceram voluntariamente os ensinamentos da Igreja, e introduziram nos seus assumptos as mais sollemnes particularidades ou contrarias ao dogma ou indecentes.» (1) Este é o facto; a explicação é outra; o dogma é que se modificou no interesse de uma corporação, e a parte sensual significa a relação com o elemento orgiastico do culto mithriaco sobre que o Christianismo se estabeleceu, bem como as particularidades contrarias ao dogma se derivam do culto de Agni ou do mytho da producção do fogo, conservado entre o povo. Por isso o Concilio de Elvira prohibiu o uso das obras de arte no culto, talvez pela persistencia das fórmulas tradicionaes que revelavam a origem da nova religião.

Muitas ceremonias mithriacas passaram para o Christianismo sem intuito theologico; as ceremonias mazdeanas do *baptismo*, da *confissão*, e da iniciação pela penitencia ou grãos por que passa o neophyto, a *communhão* ou offerta de pequenos pães, a que os textos zends se referem com

(1) Ibid., p. 264. Esta critica provém da interpretação dos monumentos archeologicos pelo falso ponto de vista das origens *semiticas*, refutadas por Bunsen.

o nome de *darum*, já se praticavam em Roma, de modo que na sua systematisação theologica a Igreja teve de condemnar como heresias, o que eram grupos religiosos desenvolvidos sobre o mesmo fundo de crenças mithriacas.

Os *pães* mithriacos acham-se representados em uma pintura da *crypta* de Lucina do seculo II; ahi se vê o *peixe* tendo sobre o dorso um cesto cheio de pães: «Estes *pães* são cinzentos, e têm a forma das offerendas que os Orientaes e especialmente os Judeus, apresentavam aos sacerdotes em certas estações do anno; os Romanos designavam os pães d'esta fórma pelo nome barbaro de *manphula*.» E um pouco abaixo, accrescentam os abreviadores de Rossi: «Os Judeus e os pagãos serviam-se de cestos semelhantes nos sacrificios, e os primeiros christãos alli depositavam o *pão* consagrado, quando não tinham para o receberem ouro ou prata.» (1) O baptismo mithriaco pelo leite e mel, e a unção pelo oleo de *ban*, reproduzem-se nas primeiras épocas do Christianismo: «Lembremos aqui, dizem os abreviadores de Rossi, o antigo uso de fazer comer ás

(1) *Rome souterraine*, p. 292.

crianças depois do baptismo um pouco de leite e de mel; pratica de que fallam Tertuliano e S. Jeronymo, e cuja tradição se conservou, ao menos para o baptismo administrado no sabbado santo, até aos seculos IX e X.» (1)

Diz Maury, com um profundo senso historico: «É erradamente que os christãos nos representam o *Manicheismo*, e as Seitas gnosticas como simples heresias. Estas seitas constituíam realmente religiões distinctas da de Jesus, ellas eram baseadas sobre outras mais antigas. Em materia de religião, nada se cria de uma vez, e as crenças, como todos os phenomenos da natureza, transformam-se, modificam-se, mas não se improvisam.» (2)

O apparecimento do Christianismo em Roma liga-se ás causas geraes que provocaram essa grande elaboração religiosa, que o precedeu, e de que elle foi uma das muitas consequencias: 1.º O syncretismo dos dogmas zoroastricos com

(1) Ibid., p. 292. No 1.º livro do Grihyasutra do Açvalayana, cap. 17, vem descripto o baptismo indiano com agua tepida e leite coalhado. Gubernatis, *Piccola Encyclopedia indiana*, p. 65.

(2) *Croyances et Legendes*, p. 173.

os cultos proto-medicos; 2.º O syncretismo dos mythos hellenicos com as formas cultuaes das religiões syro-phenicias; 3.º O desenvolvimento philosophico das doutrinas de expiação e de eschatologia, entre os orphicos, entre os essenios e therapeutas, propagando-se simultaneamente para a Judêa e para Roma; 4.º A tendencia exageradamente proselytica que as religiões adoptaram pelas suas fórmãs de iniciações mysticas, e impressões produzidas nas mulheres, que se tornaram as principaes propagadoras; (1) 5.º A persistencia dos mythos populares indo-europeus da producção do Fogo, que deram o primeiro logar ás lendas da *Natividade*, e da *encarnação* em vez da medeação; e facilitaram a apropriação do culto das Virgens-Mães.

As perseguições imperiaes é que fizeram que o Christianismo se tornasse exageradamente proselytico, e por isso assimilasse a si todo esse fun-

(1) Diz Alfred Maury, confundindo ainda o elemento *assyrico* com o *medico*, hoje perfeitamente estudado: «Nos primeiros seculos da nossa éra, nos dous ou tres seculos que os precederam, os dogmas da Persia misturados com os da religião assyrica, espalharam-se até aos confins do mundo grego e aí suscitaram crenças e

do de ritos mithriacos e de doutrinas eschatologicas, que ainda appareceram dispersas em alguns pequenos nucleos de religiões, e que elle perseguiu depois como *heresias*.

Os primeiros sacerdotes christãos trajavam o *pallium* dos philosophos; tal é o modo como apparecem vestidos nas pinturas das catacumbas; esta circumstancia está revelando que a parte doutrinal do Christianismo, saída das especulações de escholas philosophicas, aproveitou as tendencias populares orientadas pelo mithraismo para um culto de iniciação e de mysterio. Sobre o uso do *pallium* pelos sacerdotes christãos antes do seculo III, escrevem os abreviadores de Rossi: «Esta excessiva simplicidade de vestimentas era considerada pelos antigos como o distinctivo dos verdadeiros philosophos, e na época a que pertencem as pinturas alludidas (fim do seculo II) um simples *pallium* tornara-se a veste habitual

doutrinas philosophicas impregnadas do character oriental.» *Croyances et Legendes*, p. 184.—O Christianismo só pode ser bem conhecido determinando o fundo mythico, que persiste ainda hoje nas raças áricas da Europa, e determinando a corrente d'este syncretismo oriental que veiu viciar e interromper a civilisação greco-romana.

do clero christão. Eusebio, (*Hist. eccl.*, IV, 11) conta que Sam Justino—prégava a palavra de Deus vestido como os philosophos—; não se sabe se elle era sacerdote. Antes d'elle, Aristides de Athenas, depois Tertuliano, Heraclès sacerdote de Alexandria, Gregorio o Thaumaturgo e outros mais haviam adoptado esse habito. Tertuliano o preconisa com a sua eloquencia e subtileza usual no tratado *De Pallio.*» (1) A *moda philosophica* consistia em usar os hombros descobertos, *humerum exertus*, como diz Tertuliano, tal como apparece a figura de Christo no typo tradicional do *Ecce homo*. Havia no mundo uma corrente de theurgismo (Apollonio, de Thyane, e Simão, o Mago) e uma tendencia dos espiritos para as abstracções de um transcendentalismo mystico, a que não escaparam os proprios imperadores romanos e suas mulheres (Juliano, a imperatriz Julia Domna, mulher de Septimio Severo, Marco Aurelio, Alexandre Severo, etc.) Apollonio de Thyane tambem apparece em um busto antigo com o *pallium* caracteristico, (2) e no *lararium* de

(1) *Rome souterraine*, p. 340.

(2) *Iconographia grega*, de Visconti, pl. xvii.

Alexandre Severo, Christo é agrupado entre Apollonio e Orpheo, (1) como um philosopho iniciador de doutrinas theurgicas.

As relações de Christo com o mytho de Orpheo conduzem a determinar a corrente philosophica, que vem dar a coherencia doutrinal aos usos cultuaes mithriacos conservados entre a plebe romana; nas catacumbas, tres vezes se encontra a pintura do typo mythologico de Orpheo: «Alguns padres da Egreja se comprazeram a fazer de Orpheo a figura de Christo: o dom que elle recebera de amansar as feras pela doçura dos seus cantos pareceu-lhes um symbolo, uma imagem anticipada do divino Mestre vencendo os corações rebeldes pela força e graça da palavra. Como expressão do mesmo pensamento, e não por uma imitação pueril de algum modelo pagão, o *syrix* ou flauta de Pan vê-se algumas vezes nas mãos de Christo representado na figura do Bom-Pastor.» (2) As doutrinas orphicas sobre a immortalidade transmittidas pelo Christianismo e syncretisadas com a resurreição mithraista po-

(1) Lampridio, *Vida d'Alex. Severo*, c. 29, e 31.

(2) *Rome souterraine*, p. 263, 379.

pular, é que fez com que se adoptasse esse symbolo orgiastico, bem como o mytho grego de Psyche, vestida de tunica e com azas de borboleta. As seitas orphicas tambem encontravam um grande numero de tradições áricas entre os povos indo-europeus, para se apoderarem do prestigio das seitas mithriacas, e combatel-as como hereticas.

A tendencia para as especulações abstractas que notámos no estado geral dos espiritos, fazia dos imperadores philosophos, e dos philosophos hallucinadores proselyticos; esta tendencia revelase de um modo claro na arte romana sob o Imperio. Caracterisando esta phase historica da arte, diz Kùgler: «a fôrma artistica em vez de procurar simplesmente tornar sensivel o objecto representado tornou-se um meio de exprimir ideias abstractas; em logar de actuar sobre o sentimento, dirigia-se ao pensamento.» (1) Assim a arte em vez de ser uma expressão natural tornou-se um formalismo symbolico. O Christianismo obedeceu a esta tendencia, dando-lhe a immobilidade hieratica, d'onde resultou que na época em

(1) Ap. *Rome souterraine*, p. 266.

que o fervor proselytico foi maior na Egreja, penetrando a sua catechese na familia imperial, a invenção artistica tornou-se mais pobre e esteril no cyclo figurado pertencente ao fim do seculo III, como observou Rossi. A necessidade de systematisar a parte doutrinal do Christianismo harmonisando-a com o symbolismo mithriaco, fez com que se procurasse pôr um termo á invenção artistica, como se fez no Concilio de Elvira. E o facto de alguns padres da Egreja clamarem violentamente contra as manifestações artisticas, como Tertuliano, é por que conheciam que o symbolismo christão revelava o syncretismo tradicional das crenças, e o esforço logico de conciliação doutrinnaria.

As manifestações artisticas da época das catacumbas encerram pasmosas revelações sobre as origens do Christianismo; esses symbolos são documentos inconscientes que o canonismo ecclesiastico não soube destruir. O symbolo da Cruz, apresenta uma grande variedade de fórmãs, desde a fórmula de martello até á do *arané* vedico; <sup>(1)</sup> cada uma d'estas fórmãs tinha o seu sentido ca-

(1) *Rome souterraine*, p. 300 a 302.





**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

BR  
129  
B7  
1880  
C.1  
ROBA

Not wanted in RESC

5-3-87

